

LISBOA

REVISTA MUNICIPAL



Incorporação
19 JUL 1986

BIBLIOTECA MUNICIPAL DOS OLIVEIROS



LISBOA

revista municipal

ANO XLVI — 2.ª SÉRIE — N.º 14 — 4.º TRIMESTRE DE 1985 — NÚMERO AVULSO: 500\$00

DIRECTOR: ORLANDO
MARTINS CAPITÃO
SUBDIRECTOR: FERNANDO
CASTELO BRANCO
ASSISTENTE TÉCNICO:
ALFREDO THEODORO

sumário

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE SETE MOINHOS • O PALÁCIO DA MITRA EM LISBOA E OS SEUS AZULEJOS - III
• SINOPSE CRONOLÓGICA DE ALGUNS ACONTECIMENTOS RELACIONADOS COM A ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE LISBOA
• CERÂMICA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO NO PALÁCIO GALVEIAS • A «STANDARD ELÉCTRICA» - UMA PEÇA PRECIOSA E POLÉMICA DA ARQUITECTURA PORTUGUESA NO SÉCULO XX • LISBOA - NOTICIÁRIO

EDIÇÃO DA C. M. L. — D. S. C. C. — REPARTIÇÃO DE ACÇÃO CULTURAL
PALÁCIO DOS CORUCHÉUS — RUA ALBERTO DE OLIVEIRA — LISBOA — TELEFONE 76 62 68

Execução gráfica: Heska Portuguesa - Rua Elias Garcia, 27-A - Venda Nova - Amadora - 2000 ex.



Fragmento de um painel
realizado por Querubim Lapa
em 1956,
aplicado no muro do pátio
da Escola de Campolide,
em Lisboa

A ESTAÇÃO ARQUEOLÓGICA DE SETE MOINHOS

Aspecto do vale de Alcântara, vendo-se à esquerda o morro dos Sete Moinhos onde existiu o povoado pré-histórico

A estação arqueológica de Sete Moinhos é das mais importantes da área de Lisboa e, no seu género, uma das mais dignas de atenção em Portugal.

Duas características lhe emprestam um aspecto peculiar: o ter sido uma fortaleza natural, com as suas escarpas rochosas que são autênticas muralhas, e o seu domínio sobre uma via de comunicação, o vale de Alcântara, onde corria a ribeira do mesmo nome, hoje canalizada.

Vergílio Correia, a quem devemos o estudo dessa estação arqueológica, anotou a seu respeito: «Embora não tenha descoberto ali vestígios de muralhas não tenho dúvida em chamar castro ao povoado pré-histórico. A situação leva-me a isso (!). Conheço bastantes castros do País; nenhum apresenta, talvez exceptuando Pragança, tão boa posição.

A crista do monte é ainda mais estreita e a inclinação dos flancos maior do que em Chibanes, o que não é dizer pouco. Só por um lado, a leste, o Alto Carvalhão lhe dava acesso fácil, mas esse mesmo ponto ficava bastante afastado e um pouco mais baixo do que a estação pré-his-





A escarpa natural (à direita) do morro dos Sete Moinhos, constituía uma verdadeira muralha, de grande altura, que era um eficaz elemento defensivo do povoado



O morro dos Sete Moinhos visto do lado sul. Agreste e íngreme escarpa, que oferecia excelentes condições defensivas para o povoado pré-histórico, situado na sua parte superior



Aspecto do morro dos Sete Moinhos e de algumas das modestas casas que aí se ergueram. Observa-se facilmente a situação dominadora do morro

Esta fotografia mostra bem como o morro dos Sete Moinhos dominava o vale de Alcântara, que lhe fica inferior. Na parte central do vale passa hoje a Avenida de Ceuta



Por entre duas casas construídas no morro dos Sete Moinhos, vê-se um trecho do terreno circundante e como este ficava dominado pelo povoado pré-histórico que existiu na parte superior do morro

Fotografia tirada do morro dos Sete Moinhos do alto da escarpa voltada a sul. Também nesta foto se verificam as excelentes condições defensivas do local



tórica, bastando uma trincheira de terra ou de pedra solta para impedir um ataque»⁽¹⁾.

Fortaleza natural, dominava o vale de Alcântara, importante ligação que a Natureza estabelecera com a orla do Tejo, pois abre brecha entre o planalto de Prazeres-Campo de Ourique e a serra de Monsanto.

Estas condições naturais eram outrora mais visíveis. As obras de urbanização realizadas nas últimas décadas nessa zona modificaram-lhe consideravelmente o aspecto. Por isso nos parece haver interesse em divulgar um conjunto de fotografias existentes no Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, recentemente incorporado no Gabinete de Estudos Ollisiponenses. São fotografias de 1939-40 e deixam bem patentes esses aspectos naturais do povoado pré-

-histórico do alto dos Sete Moinhos, os quais, como se disse, são actualmente menos visíveis e notórios.

Um aspecto do núcleo de habitações construídas no morro dos Sete Moinhos, vendo-se dois moinhos, já sem velas e sem serem utilizados como engenhos de moagem

(1) Sobre denominarem-se castros povoados não fortificados, veja-se o artigo *Pragança terá sido um castro?*, separata de «O Arqueólogo Português», 1962, Nova Série, vol. IV.
(2) *Obras*, Coimbra, 1972, vol. IV, pág. 25.

O PALÁCIO DA MITRA EM LISBOA E OS SEUS AZULEJOS – III

IV – A DESTRUÍDA CAPELA

O tratamento diferenciado desta parte do palácio da Mitra, em relação ao restante edifício, é justificado pelo facto de a destruição ter atingido a harmonia do conjunto, agravado pela dispersão dos seus elementos e pela escassez de documentação encontrada, já que parece não ter havido sequer a preocupação de fixar fotograficamente a capela.

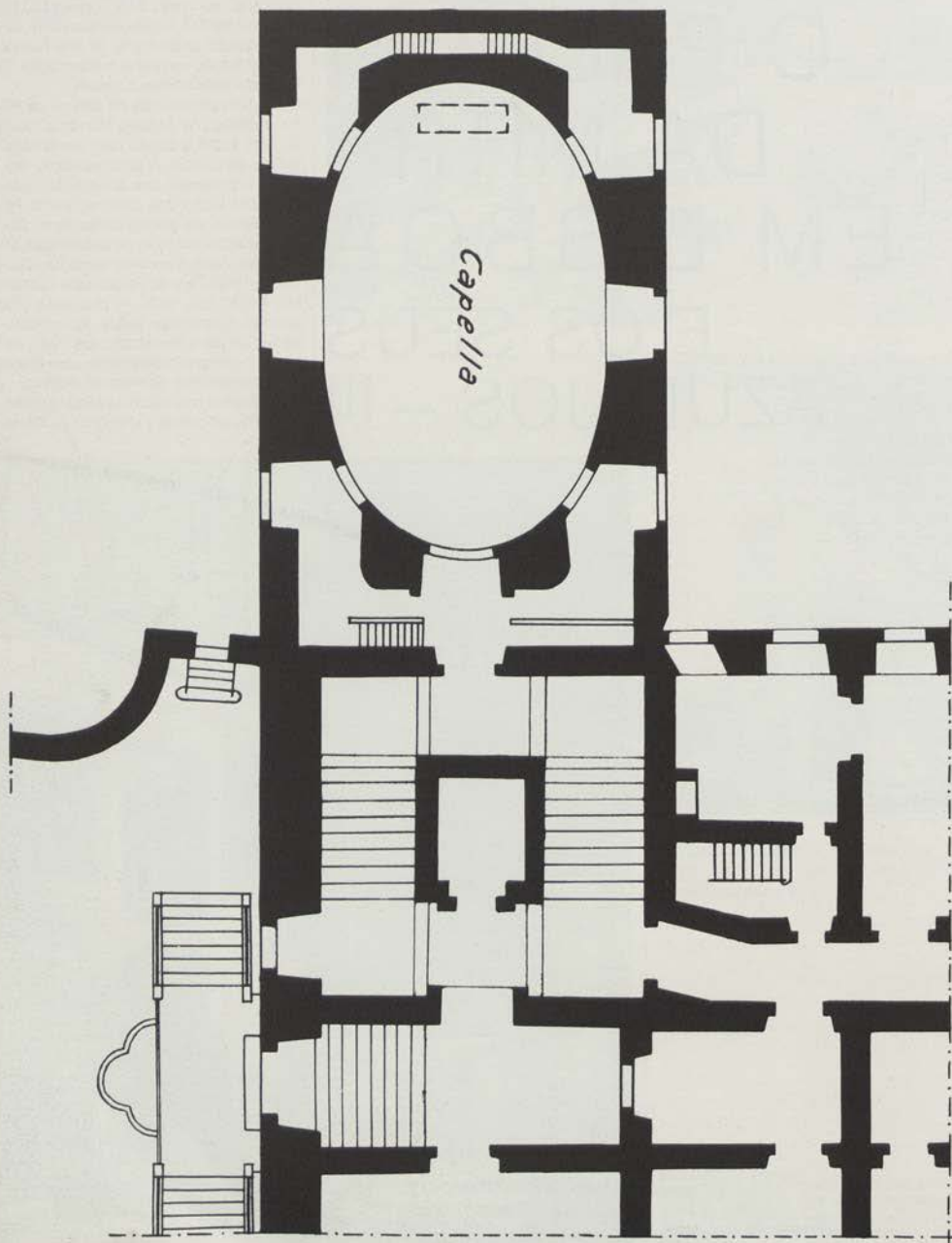
O processo de obra do palácio da Mitra, existente no Arquivo Municipal, nada contém sobre a capela nem as remodelações do palácio. A documentação reunida no processo tem abundante material sobre várias das construções da Fábrica Seixas, de grande interesse no âmbito da arquitectura e da arqueologia industriais. Após o encerramento da Fábrica, em 1925, e a aquisição pela Câmara Municipal, em 1930, o processo tem apenas elementos sobre as remodelações do pátio de entrada, em 1942, faltando incompreensivelmente uma planta e o levantamento rigoroso do edifício.

No tombo do palácio da Mitra, existente na Repartição de Património da Câmara



Aspecto do interior da destruída capela do Palácio da Mitra. Fotografia de José Bάρcia, de 1908

Fragmento da planta do piso inferior
e da escadaria do Palácio da Mitra,
com a capela adjacente
(reproduzido da «Planta da Fábrica Seixas
no Palácio e Quinta da Mitra»)



Lisboa, Museu da Cidade
— painel (em depósito) proveniente
da capela do Palácio da Mitra,
onde ladeava o altar (lado do Evangelho),
representando a palmeira

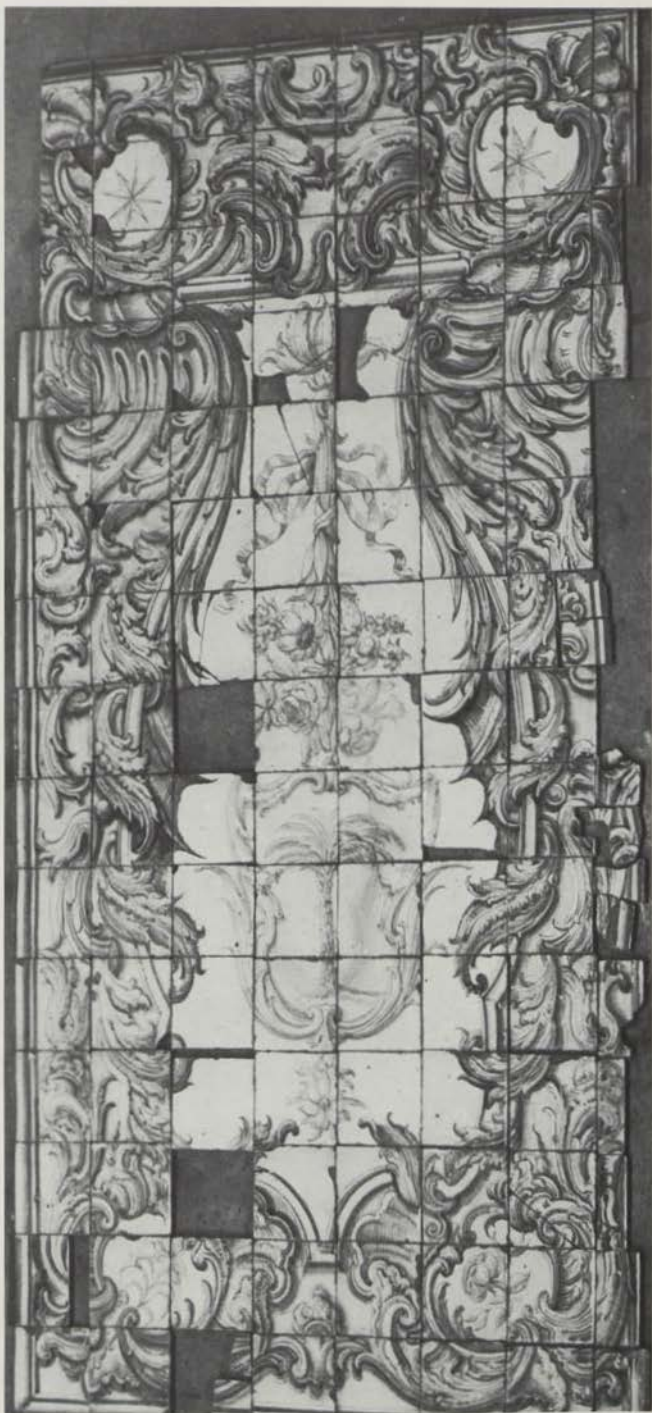
ra Municipal de Lisboa, encontra-se documentação relativamente escassa, incluindo a escritura de compra, de 15 de Abril de 1930, especificando que o «referido prédio se compõe de três lojas, palácio, com rés-do-chão, primeiro andar, capela, um pátio...». Este tomo inclui, contudo, a cópia de uma planta preciosa do conjunto da Fábrica Seixas, não datada, na qual estão representados o palácio e a capela. Esta representação da capela, que estava desconhecida, permite esclarecer várias das dúvidas levantadas por este edifício.

Outro elemento inestimável é a fotografia feita por Bárcia em 1908, cujo negativo sobre chapa de vidro (de qualidade modesta e conservação deficiente) pertence ao Arquivo Fotográfico da Câmara Municipal de Lisboa, a qual nos permite apreender parte do interior da capela, do lado do altar, mas insuficiente, sem a planta, para esclarecer a disposição do resto da capela. Esta foi a única fotografia da capela da Mitra encontrada no Arquivo Fotográfico.

A destruição, por motivos desconhecidos e incompreensíveis, consumou-se antes de 1936. Foi confiado então ao Patriarcado o recheio (ainda não localizado), com excepção dos azulejos, que foram conservados pela Câmara Municipal. Três painéis e um rodapé truncado foram aplicados nos muros do jardim do palácio Galveias, juntamente com outros exemplares do património municipal, para um efémero *Museu de Cerâmica e Azulejos de Lisboa*, programado por Joaquim Leitão em 1935, com a colaboração de Leopoldo Battistini (que realizou painéis figurativos para o palácio Galveias e recompôs os painéis então aplicados) e de Maria de Portugal (2ª). Deste projecto concretizou-se apenas a Exposição de Cerâmica Ulissiponense, realizada neste palácio em 1936, com organização de Augusto Cardoso Pinto (3ª), mantendo-se os painéis aplicados no pátio até à actualidade.

Os restantes azulejos retirados da capela da Mitra encontram-se em depósito no Museu da Cidade, a aguardar montagem oportuna. Já estiveram parcialmente ordenados durante uma triagem, sendo então feitas algumas fotografias para estudo, deficientes por mostrarem os painéis incompletos e sumariamente montados, mas bastante úteis para este trabalho.

A destruição da capela, camuflada discretamente por alguns autores que abor-



Lisboa, Museu da Cidade
— fragmento de painel (em depósito)
proveniente da capela
do Palácio da Mitra,
onde ladeava o altar
(lado da Epístola),
representando o *cipreste*

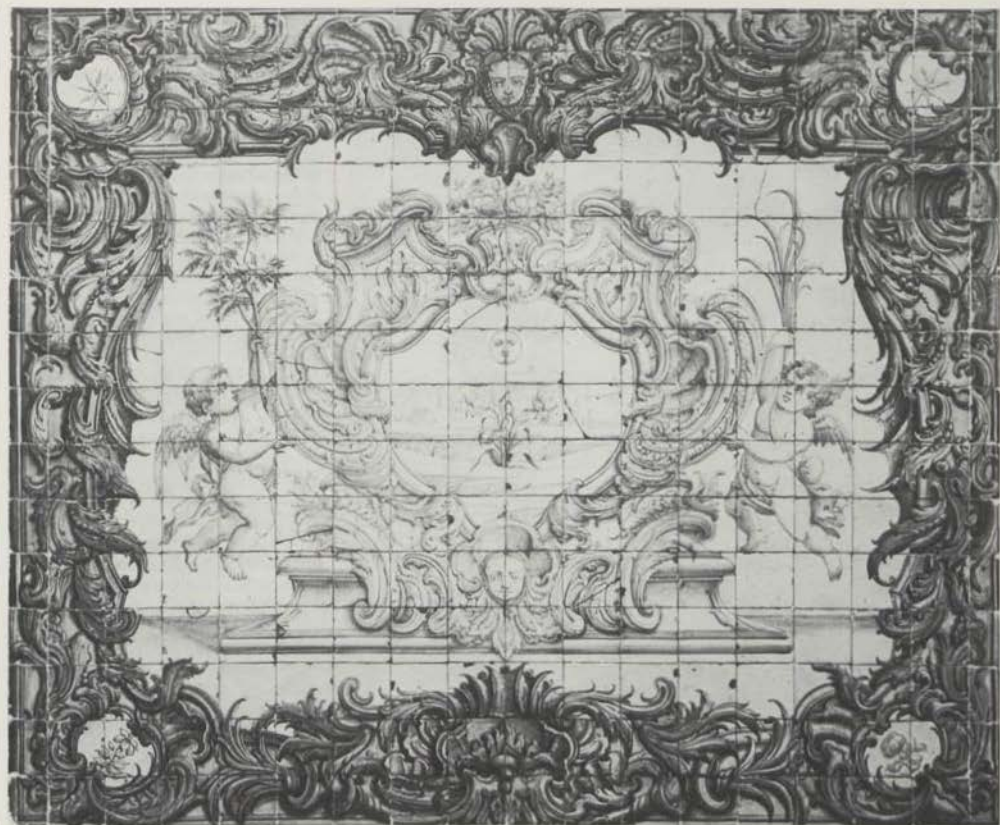


daram o palácio da Mitra, referiu-se Cordeiro de Sousa, de maneira algo ridícula, comentando que «já em nossos dias, como aos democráticos narizes de certos sujeitos aquilo cheirasse a beatério, vá de deitar abaixo a capela onde, ao que se dizia, haviam sido soterradas as vísceras do Cardeal D. Frei Francisco de São Luís, após o embalsamamento do seu cadáver» (*). A verdade é que não devem ter sido estes duvidosos «narizes democráticos» os responsáveis pela grave destruição, mas antes o desprezo generalizado que então havia pelos valores estéticos do período barroco e o alheamento completo da importância e originalidade que este estilo assumira em Portugal, só ensinado posteriormente aos portugueses por historiadores estrangeiros como Robert C. Smith e Germain Bazin, situação de desprezo partilhada pelas autoridades religiosas e pelas civis que permitiu imensas barbaridades, como muitas das intervenções «reintegradoras» realizadas pelos Monumentos Nacionais, nas quais não poucos conjuntos de talha dourada foram pura e simplesmente deitados ao fogo.

O patriarca D. Tomás de Almeida empenhou-se especialmente na construção desta dependência do palácio da Mitra, «a capela magestosamente ornada de Nossa Senhora da Conceição, sua grande advogada e protectora», como vem referido no *Elogio Histórico...* de Fernando António da Costa de Barbosa, citado na parte I, a qual deve ter sido a última obra empreendida por este prelado na propriedade, pelo menos no que respeita à decoração interna.

A planta atrás referida, algo sumária, permite apreender várias das suas características. Apenas é reproduzida, nesta publicação, parte do palácio, com o átrio (ao fundo do qual se encontrava uma janela, transformada na remodelação em porta), algumas salas do piso inferior (entre as quais a desmantelada cozinha) e a escadaria nobre. A capela foi representada nessa planta ao nível das tribunas e do patamar central da escadaria.

A fachada da capela, lateral, ficava no prolongamento da frontaria do palácio, para Norte, ambas viradas inicialmente para o pátio. A porta para o acesso da população encontrava-se no centro, sobrepujada pela janela representada na planta, possivelmente à mesma altura das outras duas janelas abertas na direcção das tribunas laterais. Desconhece-se algum outro elemento ou decoração exterior. O acesso às tribunas era feito pelo interior, através da porta situada no patamar médio da escadaria nobre (**), que se conserva entaipada. Outra ligação interna deveria fazer-se a partir da escada de serviço situada por baixo da escadaria.



Lisboa, jardim do Palácio Galveias
— painel proveniente da capela do Palácio da Mitra,
onde revestia o segundo pano de parede
(lado do Evangelho),
representando um ramo de açucenas e o sol

O interior, a parcela mais cuidada e original do palácio, especialmente pela invulgar planta elíptica, apresentava dimensões consideráveis: cerca de 12 metros de comprimento por 7 de largura, e quase 7 de altura, desde o chão à cornija, acrescentada do vão da cobertura estucada.

O elemento interno mais curioso residia na concepção das tribunas sobre portas, com a verga intermédia abatida na parte superior de cada porta e na base das tribunas, invertidamente, repetindo o invulgar desenho da cantaria das portas e janelas dos dois pombais situados no fundo do parque da Quinta dos Arcebispos de Santo Antão do Tojal, certamente projectados por António Canevari, o que reforça a aproximação estilística entre as duas propriedades da Mitra e a possível autoria da remodelação do palácio de Lisboa.

Pela planta depreende-se que a capela apresentava quatro destas tribunas sobre portas, não sendo possível reconstituir o aspecto da tribuna principal, frontal ao altar, mais larga e certamente mais elaborada. A porta lateral deveria ser mais alta que as situadas sob as tribunas, desconhecendo-se também a sua articulação com a janela que lhe ficava sobreposta, a qual está representada na planta, juntamente com outra fronteira.

O entablamento era outro elemento marcante, no qual se integrava o coramento do retábulo. Este retábulo clássico, provavelmente de madeira pintada a imitar mármore, com os capitéis dourados, apresentava um par de colunas de fuste estriado e capitéis compostos, duplicadas lateralmente por pilastras idênticas, sustentando um frontão curvo, segmentado. O painel central, com uma cabeça de anjo alada no remate da cerca-

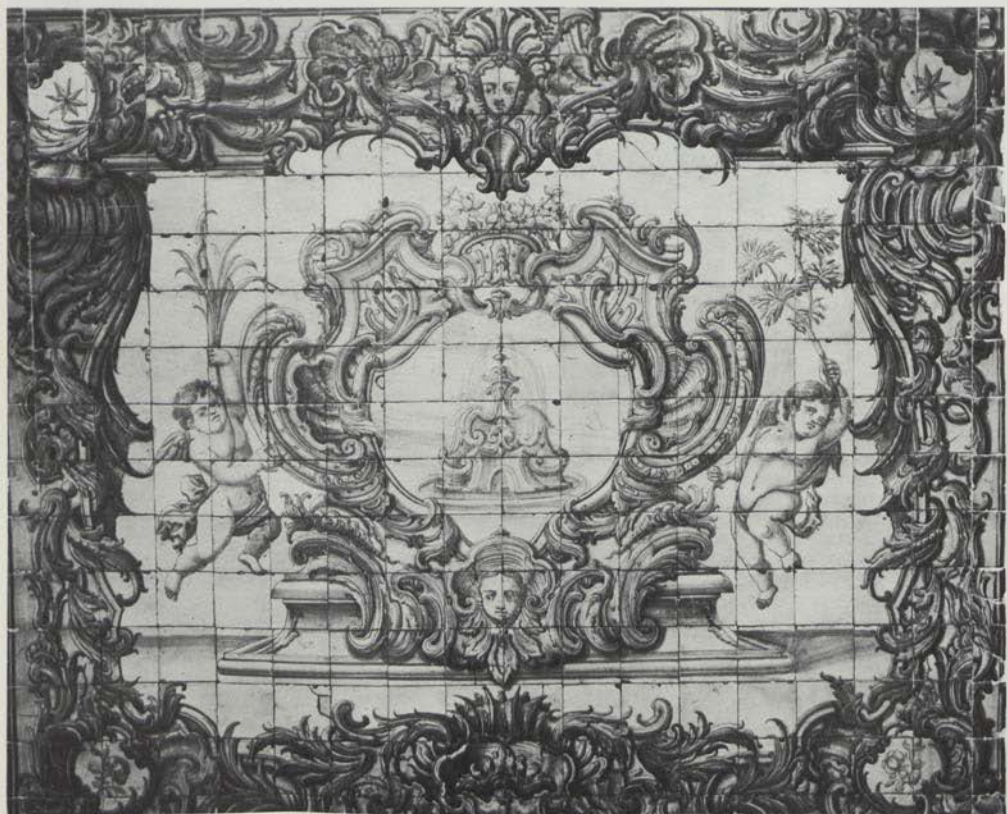
dura, deveria representar *Nossa Senhora da Conceição*. Sobre o frontão encontravam-se as estátuas italianizantes de dois serafins ajoelhados, com roupagens movimentadas. Do painel integrado na penetração da abóbada percebe-se apenas a moldura e o remate contracurvado na fotografia de Bácia. O espaço entre as tribunas, sobre o silhar de azulejos, estava preenchido por telas emolduradas, quase ilegíveis na fotografia.

A estranha forma elíptica da capela diverge consideravelmente dos planos quadrangulares geralmente adoptados em Portugal, com raras excepções maneiristas (mosteiro da Serra do Pilar, em Vila Nova de Gaia) e barrocas (como as igrejas, de planta centralizada, de Santa Engrácia em Lisboa e do Senhor da Cruz em Barcelos, projectadas por João Antunes no reinado de Pedro II). Esta planta elíptica reflecte as correntes italianizan-

Lisboa, jardim do Palácio Galveias
— painel proveniente da capela
do Palácio da Mitra,
representando a fonte

tes presentes no barroco joanino do segundo quartel do século XVIII, nomeadamente no convento de Mafra, iniciado em 1717 e projectado por Ludovice com a colaboração provável de outros arquitectos, como Canevari, onde as formas curvas estão evidenciadas na terminação da capela-mor e das capelas do transepto e nas extremidades do vestibulo da igreja, juntamente com a sala do Capitulo, de planta elíptica, e os dois átrios circulares situados por baixo das torres da igreja. As mesmas características aparecem na capela-mor da Sé de Évora, remodelada igualmente por Ludovice, e no interior da Igreja dos Clérigos, no Porto, obra de Nicolau Nasoni terminada cerca de 1750.

O retábulo da capela da Mitra apresentava forte parentesco com os das capelas-mor de Mafra e da Sé de Évora, exceptuando o frontão triangular e a existência da imagem de *Cristo Crucificado* entre os serafins ajoelhados, que aparecem nestes dois exemplares. Mas, ao contrário dos mármore ricos usados nestes retábulos, no da Mitra estavam substituídos por uma imitação de madeira pintada, o que foi vulgar em muitos

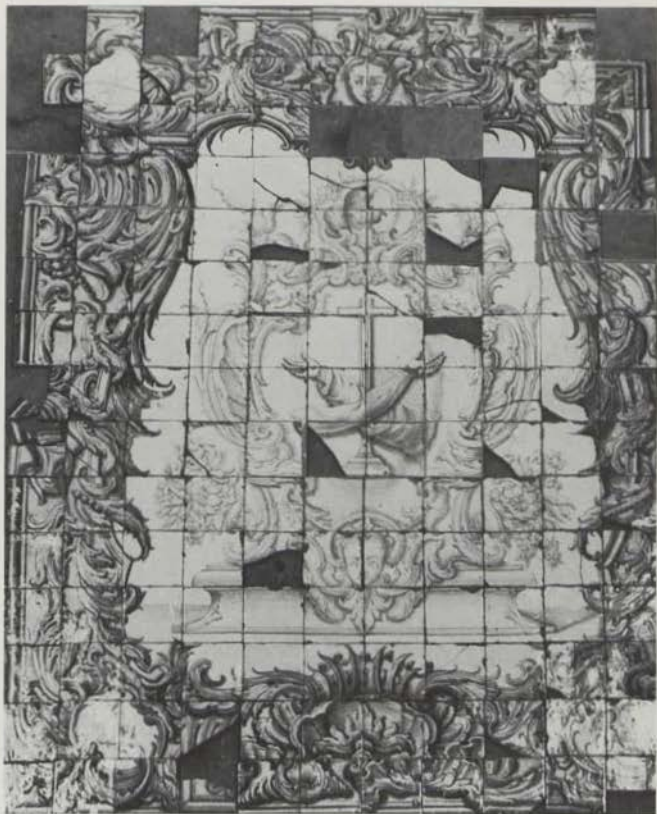


retábulos coevos e posteriores. A difusão desta tendência italianizante, acompanhada da transformação dos materiais, é especialmente nítida na grande e prolongada influência exercida pela capela de São João Baptista, tardia encomenda de D. João V realizada com materiais preciosos em Roma segundo projecto de Salvi e de Vanvitelli, incorporada na igreja de São Roque, em Lisboa, a qual se reflecte nomeadamente na capela do palácio de Queluz (*).

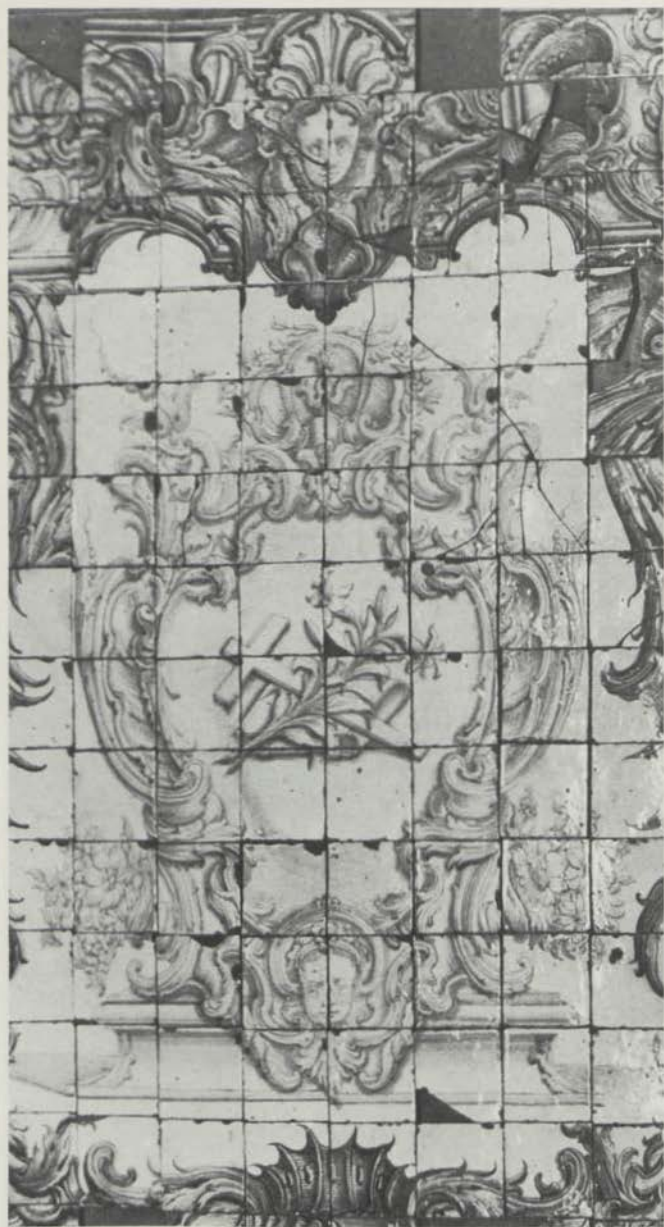
A restante decoração da capela da Mitra patenteava características joaninas tardias, de cerca de 1740 a 1750, prestes a assimilarem a linguagem rococó inicial, como os belos gradeamentos das tribunas (de madeira recortada e pintada?), os estuques e os azulejos. A abóbada estucada, só parcialmente visível na fotografia de Bácia, apresentava vários ornatos pouco relevados, entre os quais o símbolo do *Espírito Santo*, na penetração que cobria o altar, e um medallão em baixo-relevo, representando um santo, sobre uma palmeta típica do final do estilo joanino.

A decoração de estuque, tão característica dos palácios e igrejas pombalinas, segundo formas e movimentos de gosto assumidamente rococó, generalizou-se apenas através da actividade do milanês João Grossi, vindo para Portugal em 1748 (**). Antes desta data o estuque era pouco utilizado mas não desconhecido, destacando-se um notável exemplar de tecto datado de 1746, na escadaria do Recolhimento do Grilo (Convento do Beato), em Lisboa, mais conhecida pelos monumentais painéis de azulejos das paredes. A abóbada da capela da Mitra poderia ter sido uma das primeiras criações de Grossi em Portugal ou, mais provavelmente, uma das raras realizações anteriores à vinda deste mestre.

Resta ainda comentar os belíssimos e notáveis painéis de azulejos, formados apenas por uma dilatada composição ornamental, centrada por emblemática católica. Os três painéis aplicados no jardim do palácio das Galveias, juntamente com as fotografias dos painéis depositados no Museu da Cidade, permitem calcular que o conjunto era constituído por dez painéis, a formar cinco pares, correspondendo aos oito panos de parede envolventes da capela, representados na planta, e aos dois enxalços do vão da porta de acesso pelo pátio, todos com quinze azulejos de alto, para além dos rodapés, de altura variável devido ao plano mais elevado do altar. Destes painéis, três pares estão centrados por simbologia mariana — algumas das *Litanias da Virgem* — alusivas ao orago da capela, combinadas com as insígnias do Patriarcado, e um par apresentando símbolos franciscanos, provavelmente relaciona-



Lisboa, Museu da Cidade
— painel (em depósito)
proveniente da capela do Palácio da Mitra,
representando o emblema franciscano



Lisboa, Museu da Cidade
— fragmento de painel (em depósito)
proveniente da capela do Palácio da Mitra,
representando o emblema antoniano

dos com o facto de D. Tomás de Almeida ter sido Ministro da Ordem Terceira de São Francisco.

Os dois painéis que ladeavam o altar, visíveis na fotografia da capela (e reproduzidos nas fotografias do Museu da Cidade), tinham oito azulejos de lado e a decoração central era formada por uma grinalda suspensa de uma fita, da qual pende uma cartela, preenchida com a *Palmeira*, no painel da esquerda, e o *Cipreste*, no da direita. Neste lado, depois de uma porta, encontrava-se um painel de dezoito azulejos de largo, com uma cartela centrada por um *Ramo de roseira florida* encimado pela representação da *Lua*, conservado no Museu da Cidade. Deveria formar par com este, do lado esquerdo, o painel centrado por um *Ramo de açucenas* encimado pelo *Sol*, aplicada no jardim das Galveias. Outro painel deste jardim, igualmente com dezoito azulejos de lado e centrado pela *Fonte*, faz parte do terceiro par de painéis com simbologia mariana. Deveria estar agrupado com outro apresentando a *Torre ou o Poço* (provavelmente conservado no Museu da Cidade mas do qual não há fotografia), aplicados nos penúltimos painos de parede.

Dois outros painéis, cada um com doze azulejos de lado, guardados no Museu da Cidade, estavam certamente aplicados nos dois fragmentos de parede no fundo da capela. Apresentam, na cartela central, o *Emblema franciscano* e o *Emblema antoniano*. Os painéis restantes, um dos quais se encontra aplicado no jardim das Galveias e o outro em depósito, têm sete azulejos de lado e apresentam apenas uma grinalda florida pendente na parte central. Deveriam ter vestido os enxaços da porta de entrada.

Os painéis são composições monumentais e magníficas, das mais belas e cuidadas da derradeira fase da azulejaria joanina, especialmente notáveis pela plasticidade com que os motivos centrais e as cercaduras superiores e inferiores se adaptam à largura variável dos painéis, resolvida de maneira tão brilhante como inventiva. Sitúáveis cerca de 1745, evidenciam conceitos ornamentais desenvolvidos na fase seguinte, paralelamente a outros sintomas evolutivos da restante azulejaria do palácio, como o contraste entre dois tons de pintura azul, carregada nas cercaduras e ténue no centro, explorado na primeira fase do estilo rococó, contraste reforçado noutros conjuntos através da policromia. Por outro lado, mantém-se muito acentuado o parentesco destes painéis da capela (nomeadamente as cartelas centrais) com os outros conjuntos deste palácio e com a obra de Bartolomeu Antunes, permitindo atribuir a este mestre mais esta parcela da decoração da Mitra, com a prová-

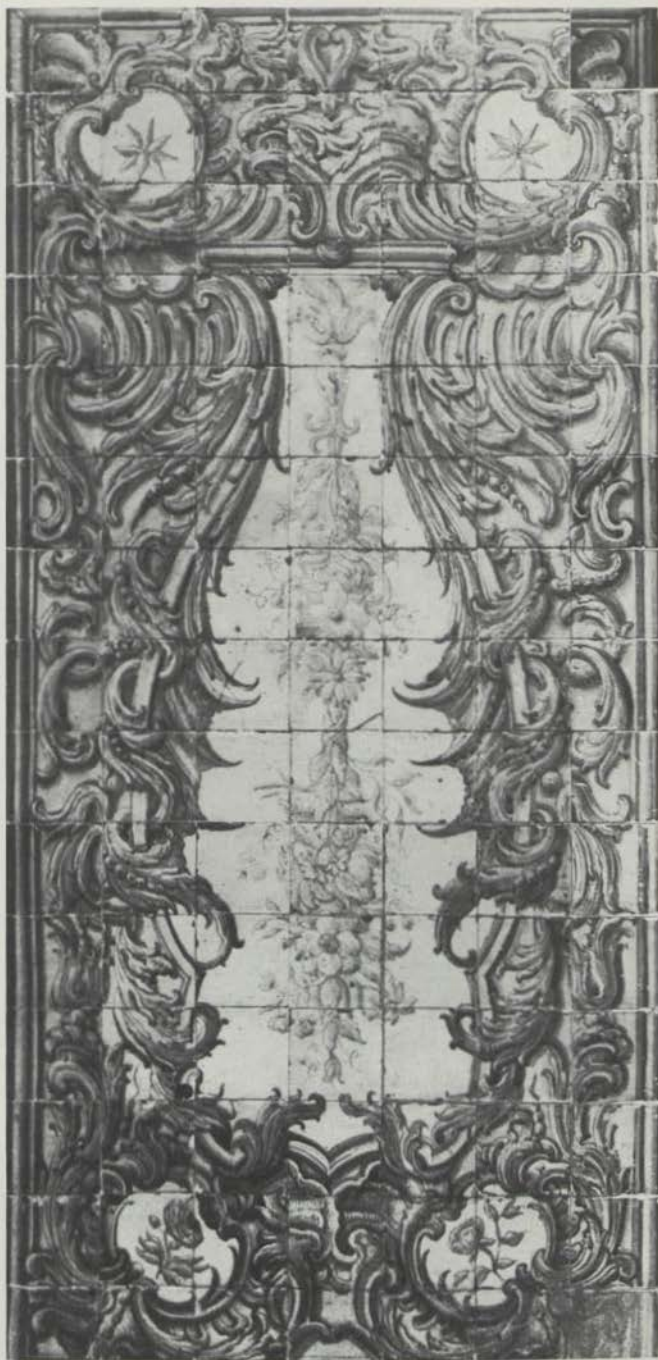
vel colaboração do seu parceiro e genro Nicolau de Freitas.

Os painéis maiores apresentam no centro, sobre fundo branco, uma cartela joanina bastante desenvolvida, apoiada numa base e ladeada por dois meninos esvoaçantes (muito semelhantes aos das cercaduras da sala G do palácio), um deles empunhando uma palma e o outro um tronco de árvore, insignias do Patriarcado de Lisboa. As cartelas são constituídas por densa aglomeração de conchas, volutas e motivos vegetais, centrada na base por uma cabeça feminina sobre palmeta, envolvida por uma concha, e rematada na parte superior por um vaso florido, de evidente parentesco com as composições e motivos das salas A e C. Os dois painéis com doze azulejos de lado apresentam cartelas idênticas, embora condensadas na largura, com o vaso do remate substituído por uma concha e os meninos esvoaçantes por um par de cornucópias floridas. Nestes conjuntos, bem como nos painéis menores, os festões e outros motivos vegetais apresentam o carácter pictural e o requinte de todas as representações florais dos vários revestimentos do palácio.

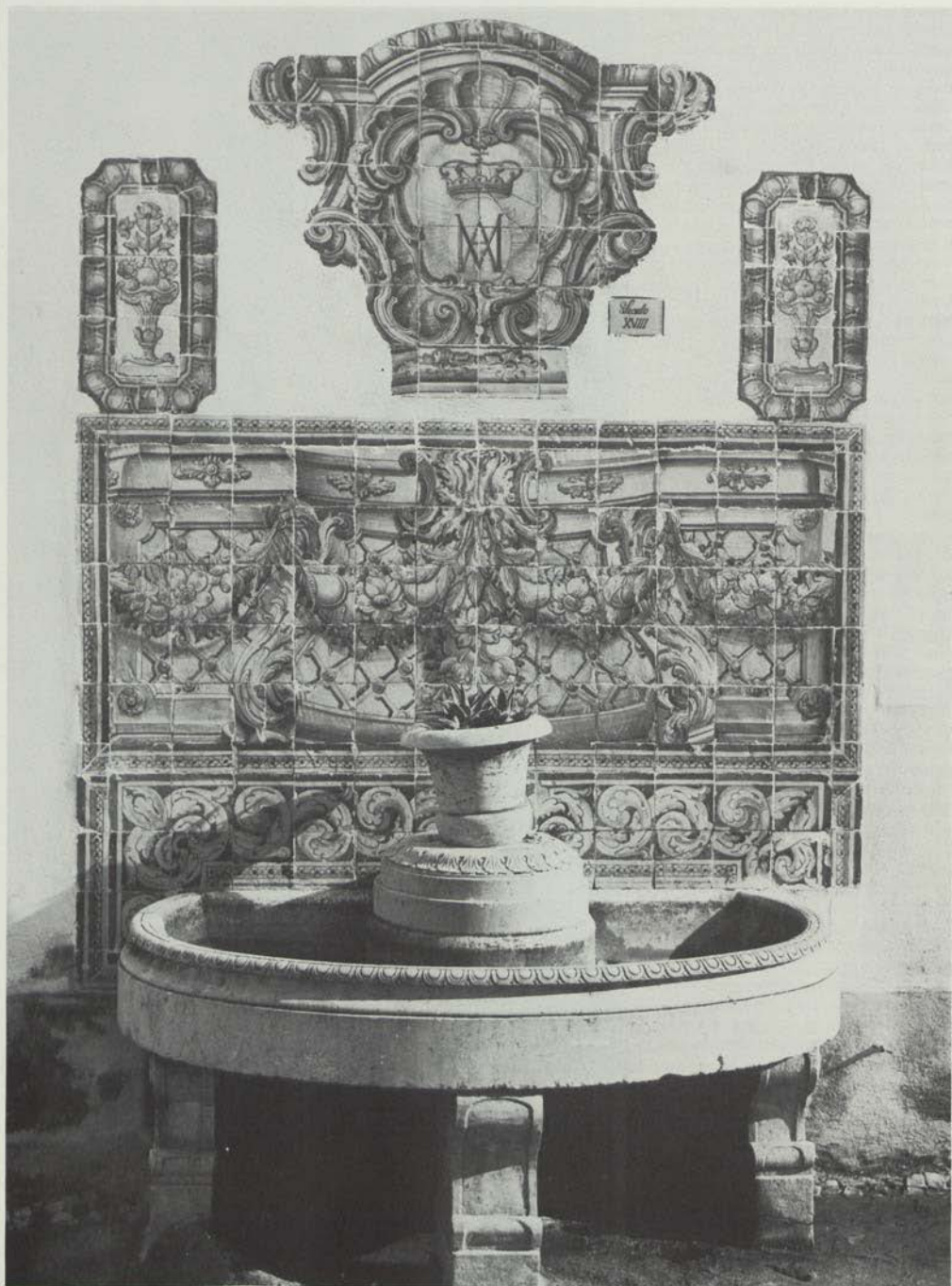
As cercaduras tumultuosas e densas dos painéis da capela são o seu elemento mais destacado, acentuado pelo azul mais forte que lhes modela as animadas formas das numerosas volutas, concheados e folhagem. Prolongando as linhas sinuosas e fragmentadas das cercaduras dos painéis aplicados na parede do palácio virada para o terraço, de carácter transitório, esta formidável massa de motivos ornamentais do enquadramento dos painéis da capela da Mitra apresenta intensa movimentação, mais rococó do que joanina, como na folhagem enrolada dos lados, na parte interna das cercaduras. Nos cantos aparecem pequenas cartelas irregulares, as superiores centradas por uma estrela e as inferiores por um ramo com rosas ou açucenas. O centro da barra superior dos painéis mais largos apresenta uma típica cabeça feminina coroada de palmetas, enquanto no centro da base irrompe uma «asa de morcego», o motivo mais destacado da primeira fase rococó, que caracteriza igualmente os concheados irregulares que aparecem associados aos centros das cercaduras.

Estes enquadramentos seriam o complemento natural e a manifestação mais avançada do carácter evolutivo evidenciado pela azulejaria do palácio da Mitra, se uma destruição e dispersão lamentáveis não tivessem quebrado esta continuidade, como ressalta do parentesco chegado destas cercaduras às de outros conjuntos pré-Terramoto, nomeadamente as dos painéis do salão oval do palácio do Marquês de Tancos, referidos na aná-

Lisboa, jardim do Palácio Galveias
— painel proveniente da capela do Palácio da Mitra,
com grinalda florida pendente



Lisboa, jardim do Palácio Galveias — conjunto de azulejos joaninos, compreendendo um fragmento do rodapé da capela do Palácio da Mitra e uma cartela com emblema mariano



lise da azulejaria do palácio, e as de uma sala do andar nobre do palácio Pimenta (sala do «Passeio Público» do Museu da Cidade), em Lisboa.

O rodapé da capela apresentava seis azulejos de altura, reduzida junto do altar. Cada troço era ladeado por uma pilastra com volutas, enquadrando um apainelado gradeado baixo, com a parte central limitada por folhagem e encurvada, a acompanhar habilmente o ritmo dos ornatos da base dos painéis e contribuindo para introduzir uma dinâmica sugestão de volume nas paredes. Ao centro desta curva apresentavam carrancas, idênticas às da sala A do palácio, com uma grinalda e dois festões pendentes da boca. Os festões, de flores e frutos, estavam presos pela ponta da folhagem que enquadrava a curvatura central e iam ligar-se às pilastras das extremidades.

As várias porções deverão estar em depósito no Museu da Cidade, com excepção de um fragmento aplicado no jardim do palácio das Galveias, pessimamente aplicado como espaldar de uma fonte, truncado dos pilares laterais e da fiada inferior (a carranca, por azar, ficou com nariz duplo). Por cima, ao centro, encontra-se uma bela cartela joanina, recortada, centrada pelo monograma de *Avé Maria* encimado pela coroa real portuguesa, que poderá ter pertencido também à capela da Mitra. O enquadramento, formado por concheados no género dos utilizados na azulejaria da Mitra, bem como o remate superior de óvulos, sugerem o estilo de Bartolomeu Antunes, o que poderá acentuar esta hipótese. A cartela apresenta-se sobre um friso de azulejos com dois florões, que coroavam as pilastras laterais dos rodapés da capela, mistura ainda mais lamentável atendendo à excepcional qualidade de todo este conjunto, tão ingloriamente desmantelado.

Nota 1: No fascículo 5.º do *Inventário de Lisboa*, Norberto de Araújo informa que se encontravam num palacete particular do Campo Grande dois dos retratos dos Arcebispos de Lisboa retocados por Vieira Lusitano, que pertenceram ao palácio da Mitra. Por um acaso encontrei, posteriormente à publicação da primeira parte deste trabalho, o *Catálogo dos Quadros, Objectos de Arte, Pratas, Mobiliário e Cerâmica que guarnecem o Palácio Joanino sito no Campo Grande*, 245, cujo leilão teve início a 16 de Novembro de 1957, sob a direcção de *Leiria & Nascimento, Lda.*, pela Casa Liquidadora, Rua da Emenda 30-36. No recheio deste palácio, onde actualmente está instalado o Museu da Cidade, encontravam-se quatro (e não dois, como refere Norberto de Araújo) retratos de arcebispos de Lisboa: *D. Henrique - Cardeal Rei*, *D. João Manuel*, *D. Afonso* e *D. Afonso Furtado de Mendonça* (números 346 a 349 do catálogo, encontrando-se o primeiro reproduzido fotograficamente). Ignoro onde foram parar estes painéis que pertenceram ao palácio da Mitra.

Nota 2: A última gravura da segunda parte deste trabalho, que por lapso não veio legendada, representa um dos painéis ornamentais da

sacristia do convento da Madre de Deus, em Lisboa, centrado pelas armas reais de D. João V, aplicado durante a remodelação empreendida por este rei entre 1746 e 1749.

(¹²) JOAQUIM LEITÃO, «Exposição de Cerâmica Ulissiponense», *Anais das Bibliotecas, Museus e Arquivos Históricas Municipais*, n.º 20, Câmara Municipal de Lisboa, Abril a Setembro de 1936; JAIME LOPES DIAS, «O Museu da Cidade de Lisboa», *Revista Municipal*, n.º 11 e 12, Câmara Municipal de Lisboa, 1942.

(¹³) *Catálogo da Exposição de Cerâmica Ulissiponense, dos fins do século XVI aos princípios do século XIX, realizada no Museu Municipal de Lisboa*, Câmara Municipal de Lisboa, Julho de 1936. Os três painéis da Mitra tinham os números 507 a 509. O rodapé truncado foi encimado por três elementos decorativos recortados, os quais tinham os números 496 a 499 da referida exposição. É curioso o facto de o catálogo não mencionar a proveniência dos painéis.

(¹⁴) J. M. CORDEIRO DE SOUSA, «Palácio da Mitra», *A Família*, n.º 14 (ou *Colectânea Olissiponense*, vol. II, Lisboa, 1958).

(¹⁵) «É num dos vastos patamares desta escadaria monumental que se abre a porta da tribuna, que domina a linda capela particular da casa», segundo referiu JÚLIO DE CASTILHO, *Lisboa Antiga - Bairro Alto*, vol. III (2.ª ed.), Lisboa, 1956, p. 115.

(¹⁶) Influência tratada por ROBERT C. SMITH no capítulo VII de *A Talha em Portugal*, Lisboa, 1963.

(¹⁷) A actividade de João Grossi e dos seus colaboradores e discípulos foi muito apoiada por Sebastião José de Carvalho e Melo, que nos seus planos de fomento manufactureiro encarregou Grossi de dirigir uma oficina de estuques, criada no complexo fabril das Amoreiras. Sobre este assunto, pouco estudado, pode-se consultar: CYRILLO WOLKMAR MACHADO, *Collecção de Memórias...*, Lisboa, 1823 (ou 2.ª ed., Coimbra, 1922); FLORÍDIO DE VASCONCELOS, «Considerações sobre o estuque decorativo», *Boletim do Museu Nacional de Arte Antiga*, vol. V, n.º 2, Lisboa, 1966.

SINOPSE CRONOLÓGICA DE ALGUNS ACONTECIMENTOS RELACIONADOS COM A ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE LISBOA

O conhecido político da Monarquia Constitucional Rodrigo da Fonseca Magalhães decretou em 1835 uma organização da instrução primária, onde surge a ideia de se criarem Escolas Normais



Entre as instituições pedagógicas portuguesas que ainda não foram estudadas convenientemente citamos, por exemplo, a Escola Normal Primária de Lisboa.

As primeiras tentativas legais para a abertura de uma Escola Normal em Lisboa, datam de 1835. Votadas ao insucesso todas as tentativas para a pôr a funcionar, esta ideia só veio a ser concretizada, com êxito, em 1862. Este é o ano da abertura da Escola Normal Primária de Lisboa, que ficou instalada no palácio dos Condes de Abrantes, em Marvila, com quinta anexa.

Escola com largas tradições na história do pensamento pedagógico português, bem merecia ela um estudo, devidamente documentado e sistematizado; por ela passou um notável conjunto de pedagogistas e de iniciativas, que urge dar a conhecer e divulgar. Na impossibilidade de apresentarmos ao leitor um trabalho definitivo sobre este assunto, resolvemos fazer, a traços largos e gerais, um registo, por ordem cronológica, de alguns acontecimentos e iniciativas nela ocorridos, desde a sua fundação, até 1930. Esta data corresponde ao ano em que as Escolas Normais passaram a ser designadas por Escolas do Magistério Primário.

O nosso trabalho começa, pois, em 1835 e termina em 1930, ano em que a Escola Normal de Lisboa atingiu a plenitude, depois de instalada, em 1918, definitivamente, no edifício próprio localizado na Quinta de Marrocos, em Benfica.

O período que decorre desde 1918 a 1924, corresponde à instalação da Escola no novo edifício, à arrumação da casa e à nomeação efectiva de professores. O período compreendido entre os anos de 1924 e 1930 corresponde à época mais fecunda e criativa da Escola; tão importante que os detractores da Escola de Benfica começaram a designá-la por «Sorbonne de Benfica». Mas esta é outra história, que exige um estudo particular.

Seja como for, com a publicação deste trabalho outro escopo não visámos senão o de contribuir, com alguns elementos e pistas, para o estudo da Escola Normal Primária de Lisboa. Se conseguimos ou não este objectivo, o leitor interessado o dirá.

Nota: os números assinalados no texto, entre parêntesis, correspondem às fontes bibliográficas consultadas, que figuram no final do trabalho.

1835

Decreto de 11 de Agosto — Organização da instrução primária decretada pelo estadista Rodrigo da Fonseca Magalhães onde despontava, pela primeira vez, o fecundo pensamento de instituir Escolas Normais. Criação de duas Escolas Normais, uma em Lisboa e outra no Porto. (9)

Pelo decreto de 7 de Setembro, é instituída uma Escola Normal em cada um dos distritos administrativos. (9)

1836

O decreto de 15 de Novembro, inutiliza as nobres aspirações da legislação de 1835, dando uma organização ridícula e ilógica às escolas normais, que ficaram reduzidas a simples escolas de ensino mútuo, estabelecendo uma em cada capital de distrito e tendo apenas um professor e um ajudante. (9)

1844

Decreto de 20 de Setembro — Reforma da instrução de Costa Cabral. Cria escolas normais para habilitação de professores, com cursos de um ano para o 1.º grau de ensino e de dois para o 2.º grau. Autorizada a abertura imediata das Escolas Normais de Lisboa e Porto. (4-5)

1845

24 de Dezembro — Aprovado o regulamento para a Escola Normal Primária de Lisboa, destinada ao ensino das «disciplinas e estudos próprios, para a formação e habilitação de bons professores de instrução primária nos seus diversos ramos». (4-6)

Segundo o Art.º 8.º do Decreto n.º 306, publicado no «Diário do Governo», de 29 de Dezembro, a Escola Normal deveria funcionar «no edifício do extinto Convento de S. Jerónimo, em Belém, conjuntamente com a Casa Pia». (4)

1860

4 de Dezembro — É aprovado e mandado executar, por D. Pedro V, o decreto-regulamento da Escola Normal de Lisboa. «Da escola real de Mafra, que este monarca fundara junto do paço real, saíram para o primeiro curso da Escola Normal alguns dos melhores alunos-mestres». (7)

1861

Por portaria de 26 de Janeiro, são encarregados «os vogais suplentes do Conselho Geral de Instrução Pública, José Eduardo Magalhães Godinho e João de Andrade Corvo, de propor... o plano das obras indispensáveis para melhor aproveitamento do edifício e da quinta anexa, em que a dita escola vai funcionar». A Escola Normal de Lisboa, ficou instalada no antigo palácio dos Marqueses de Abrantes, em Marvila. (7)



No dia 1 de Julho de 1863
D. Luis assistiu na
«escola anexa» à Escola Normal
aos exercicios escolares
dirigidos pelos alunos-mestres
e seguindo o «método português»
de António Feliciano de Castilho,
o qual esteve presente

Estatueta de
Antônio Feliciano de Castilho
esculpida por Bordalo Pinheiro,
na qual o poeta figura
apoiando-se no seu famoso
«Método de Leitura»



30 de Janeiro — Anúncio, abrindo concurso a contar de 1 de Fevereiro, e por espaço de 60 dias, para serem admitidos na Escola Normal Primária de Lisboa, 20 alunos pensionistas e 16 alunos porcionistas, conforme o decreto regulamentar de 4 de Dezembro de 1860. (7)

1862

21 de Abril — Inaugurada, pelo rei D. Luís I, a Escola Normal Primária do Distrito de Lisboa, com a presença do ministro do Reino, Anselmo José Braancamp. Nomeado primeiro director da Escola, Luís Filipe Leite. (7)

Pela carta de lei de 9 de Julho, foi estabelecida em Lisboa, no recolhimento do Santíssimo Sacramento e Assunção, ao Calvário, uma escola para alunas-mestras, com internato. (7)

1863

10 de Março — António Feliciano de Castilho envia uma carta a Anselmo José Braancamp, (reproduzida em alguns jornais), na qual faz o elogio da Escola Normal Primária de Lisboa e de seus professores, e onde louva a maneira dedicada e eficiente como neste estabelecimento de ensino era aplicado o «método português — Castilho» para o ensino da leitura. (8)

1 de Julho — D. Luís I assiste, na «escola anexa», aos exercícios escolares dirigidos pelos alunos-mestres sobre o «método português», estando presente António Feliciano de Castilho. (8)

17 de Outubro — Inaugura-se na Escola Normal de Lisboa um curso nocturno gratuito para adultos, cuja inscrição sobe a 220 alunos. (8)

20 de Outubro — Decretado o regulamento da Escola Normal Primária do distrito de Lisboa para o sexo feminino. (7)

31 de Outubro — «Abre-se na escola normal uma pequena biblioteca popular, com o título de *livraria dominical*... para os operários que frequentam os cursos nocturnos...» A livraria da «Escola Normal, além dos livros especiais de pedagogia» e outros, possuía cerca de «600 volumes que lhe foram mandados do depósito das livrarias dos extintos conventos por ordem do governo». Tinha algumas obras raras e grande número de clássicos. (8)

11 de Novembro — Celebra-se «na capela da escola normal missa por alma do finado protector da instrução popular, o senhor D. Pedro V, oficiando o capelão Pedro Maria de Aguiar». (1-8)

2 de Dezembro — Abrem-se na «Escola Normal Primária de Lisboa as aulas do segundo curso normal». (7)



O método de leitura de António Feliciano de Castilho preconizava que os alunos cantassem fazendo batimentos com as mãos. Esta gravura do «Arquivo Pitoresco» alude a esse aspecto desse método

LEITURA REPENTINA.
METHODO
PARA EM
FOUCAS LICÇÕES SE ENSINAR A LER
COM RECREAÇÃO
DE MEMÓRIAS E DESGUYLOS,
APPROVADO

PELCO
Conselho Superior de Instrução
Pública do Reino
PARA USO DAS ESCOLAS NACIONAES,

E
ILLUSTRADO DE NUMEROSAS GRAVURAS;

POR
A. J. DE C.

FUNDADOR DAS ESCOLAS GRAT
TINA NA ILHA DE S. MIGU
E VITALICIO DA SÓCIED
E ARTES NA MESMA

Rosto da primeira edição do método de Castilho.
Actualmente é uma raridade bibliográfica,
não existindo qualquer exemplar na Biblioteca Nacional de Lisboa.
Reproduz-se o rosto do exemplar existente no Museu João de Deus, em Lisboa,
infelizmente mutilado.

Grças à descrição do rosto da obra que se encontra nas
Memórias de Castilho, de Júlio de Castilho,
podemos reconstituir a parte em falta:

Fundador das escolas gratuitas de leitura repen/tina na ilha de S. Miguel,
Presidente honorário/ e vitalicio da sociedade dos amigos das letras/
e artes na mesma/ ilha/ Lisboa/ Typ. da Revista Universal Lisbonense/
(Proprietário - S. J. Ribeiro de Sá) 1850

1864

8 de Janeiro — São publicados os programas e instruções para o concurso dos lugares de mestras da Escola Normal Primária do sexo feminino, em Lisboa. (7)

11 de Abril — Começaram os exames de frequência para o 1.º e 2.º grau de ensino. Os pontos eram «três para cada disciplina; cada ponto com dez perguntas». (7)

21 de Abril — Comemora-se o 2.º aniversário da fundação da Escola Normal. É rezada uma missa de acção de graças. Há distribuição de prémios aos alunos que frequentaram a escola anexa. Em sessão solene, o director apresenta um relatório «dos cursos práticos da escola anexa, tanto diurna como nocturna». Frequentaram a escola anexa 134 crianças e 225 adultos. (7)

18 de Julho — «Principiaram na Escola Normal Primária de Lisboa os exames finais do Curso Normal. Fazem exame 23 alunos-mestres». (7)

3 de Agosto — «Coube a honra ao sr. Gorjão de expor, no dia 3, antes de começarem os exames, os diversos processos do Método Português...» Estavam presentes os srs. Ghira, Ferrão, seu irmão e o júri, e no meio da sua exposição foi interrompido pela entrada do imortal autor do Método, o sr. Castilho...» «Triunfou porém de todos os embaraços porque ama do coração o Método Português e tem feito dele um rigoroso estudo...» (7)

3 de Outubro — «Abriram as aulas da escola anexa, que tem 140 alunos. O governo abona um subsídio para se dar uma refeição a cada criança nos dias lectivos. As aulas são de manhã e de tarde». «...O método de ensino elementar para os cursos diurnos e nocturnos da escola anexa à Normal, continua a ser o do sr. Castilho, que ali tem dado, como em toda a parte, os mais satisfatórios resultados...» (7)

1865

Fazem parte do corpo docente da Escola Normal, os seguintes professores: Luís Filipe Leite (director), Pedro Maria de Aguiar (capelão), João Nepomuceno de Seixas, José Joaquim Serra, José Jorge da Silva Teixeira, Francisco António do Vale e F. Júlio Caldas Aulete. (1)

1866

Começou a funcionar, no ano lectivo de 1866/1867, a Escola Normal feminina do Calvário, com 15 alunas. A sua primeira directora foi D. Honorina de Sousa Gomes. (7)

Rosto da 2.ª edição do Método Castilho, cujo título foi alterado relativamente ao da 1.ª edição.

Na 3.ª edição, de 1853 encontra-se o título mais uma vez modificado: *Método Portuguez/Castilho/para o ensino do ler e escrever*, registando-se também variantes no título da 4.ª edição de 1857: *Methodo Portuguez/Castilho/para o ensino rapido e aprasivel do ler, escrever, e bem falar*

METODO CASTILHO
PARA O
ENSINO RAPIDO E APRASIVEL
DO LER IMPRESSO, MANUSCRITO, E NUMERAÇÃO
E DO ESCREVER
OBRA TÃO PROPRIA PARA AS ESCÓLAS
COMO PARA USO DAS FAMILIAS.

SEGUNDA EDIÇÃO
Integramente refundida, aumentada, e ornada
de um grande numero de vinhetas.



LISBOA — Imprensa Nacional
M DCCC LIII

1869

18 de Outubro — Encerrada a Escola Normal de Marvila, por determinação do ministério do Duque de Loulé, a fim de ser remodelada. (7)

14 de Dezembro — Publicado o decreto de remodelação, que prevê a instalação da Escola Normal Masculina no palácio dos Condes de Murça, em Santos. (7)

Criadas 5 escolas normais do sexo masculino, com sede em Lisboa, Porto, Coimbra, Évora e Viseu. (7)

1870

Criadas escolas normais para o sexo feminino em Lisboa e Porto. (7)

1877

Tem início a grande polémica entre os defensores e os detractores da «Cartilha Maternal», de João de Deus. Teófilo Ferreira, director da Escola Normal de Marvila, chega ao exagero de afirmar que «a Cartilha Maternal é parto de um miserável que faz disso uma especulação vergonhosa». (10)

1878

2 de Maio — É publicada a lei referendada por António Rodrigues Sampaio, que organiza amplamente as Escolas Normais. Trata-se de uma lei descentralizadora que preconiza, por exemplo, a criação de cursos de aperfeiçoamento para professores durante as férias. Foi modificada, em 1880, por José Luciano de Castro. (18)

1881

João de Deus publica o livro: *A Cartilha Maternal e o Apostolado*. Neste livro, João de Deus defende-se das acusações feitas ao seu trabalho e ataca violentamente Teófilo Ferreira e Simões Raposo, críticos ligados à Escola Normal de Lisboa. (10)

28 de Julho — É publicado o regulamento das Escolas Normais. São classificadas em duas categorias: as de primeira classe, as de Lisboa e Porto; e de segunda classe, as escolas normais colocadas em outros distritos do país. Nas escolas de primeira classe havia os cursos elementar e complementar; nas de segunda classe somente o curso elementar. O curso elementar (1.º grau) tinha a duração de 2 anos; e o complementar (2.º grau) tinha a duração de 3 anos. (22)

= 1865 Janeiro 27: =

N.º 30 Aos vinte e sete dias do mez de Janeiro de 1865, reunidos na sala das sessões do Conselho escolar o Director da Escola Normal Luis Filipe Leite, os Professores Francisco Julio Galvão e Tubeli, João Nepomuceno de Sáizas, o Camarada e prefeito Pedro Maria de Espinosa e o Professor Secretario Pedro Euzébio Leite, deitaram-a aberta a sessão pelas dez e meia horas da manhã. O Director disse que se completava neste dia um anno desde que fora rellido para o cargo de Secretario o Professor Pedro Euzébio Leite, e que nos termos do artigo 24.º do Decreto Regulamentar de 4 de Dezembro de 1860, se devia proceder á eleição de Secretario para o anno actual até igual dia do anno de 1865. Foi o Secretario eleito o mesmo Professor Pedro Euzébio Leite.

E não se tendo tractado de outros assumptos deliberou-se por ultima que um duplicado da acta desta sessão fosse remetido ao Ministerio dos Negocios do Reino, pela Direcção Geral de Instrução Publica. Levaram-se a sessão ás onze horas da manhã.

Dado das Sessões do Conselho Escolar em 27 de Janeiro de 1865.

O Director
Luis Filipe Leite

~~Antonio...~~

Y M.º D. Camarada
Pedro Maria de Espinosa
e Professor Secretario

Pedro Euzébio Leite

O professor Luis de Sousa
foi nomeado director da Escola Normal em 1895
e exerceu esse cargo até 1897.
Nessa qualidade figura como Presidente do Conselho Escolar
nesta acta da sessão de 18 de Novembro de 1895

Finis
Escola Normal de Lisboa.
Acta N. 259.

Sessão no dia 18 de novembro de 1895.

Presidente: Sr. Luis de Sousa:

José Ernesto Aguiar,

José Augusto Coelho,

Alfredo de Brito Freire,

Alfredo Pereira e Sousa,

António de S. Paulo, e Alvaro,

Pedro José Ferrás, e o

Legal-Secretario: Francisco de Brito Freire.
Abriu a sessão ás 11^h horas da manhã
foi lida e approvada a acta da sessão
anterior.

O Sr. Presidente disse que o Sr. Professor
António tinha o officio, declarando que
faltara ás aulas por doença: apezar d'isso
para justificar as faltas que houvesse de
representar, attribuido legal. E que, a pre-
sente sessão tinha por fim assentar definiti-
vamente no horário que se ha de adoptar
para o ensino escolar.

O Sr. Coelho leu a seguinte proposta,
que mandou para a mesa:

Proposta: — Não se tendo, no presente anno
lectivo, matriculado alumnos algum no
3.º anno d'esta Escola, tendo-se, portanto,
julgado conveniente proceder a uma re-
visão do horario em vigor e havendo, por es-
te lado na mesa Sr. projectos de horario
opm de serem apreciados e votados — pro-
ponho:

1.º Que se lance na acta um voto de lou-
vor ao professor Sr. Ferrás, que elaborou
os tres projectos de horario, como reconhe-

1882

29 de Maio — Transferida a Escola Normal Primária de Lisboa, situada em Marvila, para um edificio localizado na Rua de S. João da Mata, n.º 3 (Palácio dos Condes de Murça). (1)

1883

3 de Outubro — Inauguradas as Conferências Pedagógicas de Lisboa, presididas pelo inspector da 1.ª Circunscção Escolar, José António Simões Raposo. (11)

No ano lectivo 1883-1884, estão matriculados nas duas escolas normais, 72 alunos. Sexo feminino: 40 alunas (24 no 1.º ano e 16 no 2.º ano); Sexo masculino: 32 alunos (14 no 1.º ano e 18 no 2.º ano). (12)

1884

Fevereiro — Fazem parte do corpo docente da Escola Normal Primária do sexo masculino, os seguintes professores: Manuel Constantino Teófilo Augusto Ferreira, Francisco Adriano de Faria, João Duarte Figueira, Luís de Sousa, Alfredo Júlio de Brito, Mariano José da Silva Presado, Pedro José Ferreira. Mais tarde, exerceram também o magistério os professores: Manuel Tiago Henriques Delgado, Ventura Faria de Azevedo e Eugénio de Castro Rodrigues. (12)

Fevereiro — Fazem parte do corpo docente da Escola Normal Primária do sexo feminino, as seguintes professoras: Maria Honorina Gomes de Sousa, Helena Elisa Teles de Meneses, Maria Emilia Brito Monteiro, Sofia Rosa da Silva, Aurélio de Miranda, Ludomila da Mota Portocarrero, Maria Silvéria Laborde. (12)

1892

Luís Filipe Leite publica o livro: *Do Ensino Normal* — Coimbra, Imprensa da Universidade. Trabalho apresentado ao Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano (Secção Portuguesa). (14)

1894

Ingressa nos quadros docentes da Escola Normal Primária Masculina, o metodólogo e pedagogo José Augusto Coelho, autor da notável obra, em 4 volumes, *Principios da Pedagogia* — Porto, 1891. (1)

25
Francisco

O Presidente:

José António Simões Raposo

Os vogais:

João Duarte Figueira,
Luís de Sousa,
João Duarte Figueira,
Alfredo Júlio de Brito,
Mariano José da Silva,
Francisco Adriano de Faria

O Regal Secretário:

Francisco Adriano de Faria

Escola Normal de Lisboa.
Acta N.º 279

Sessão no dia 6 de março de 1894.

Presidente o Sr. José António Simões Raposo

João Duarte Figueira,
João Augusto Coelho,
Eugénio de Castro Rodrigues,
Alfredo Júlio de Brito, Teófilo
Augusto Ferreira e o
Regal Secretário: Francisco Adriano de Faria

Abriu a sessão ás 10 horas da manhã.

Foi approvada a acta da sessão antecedente.

O Secretário, para dar conta do encargo que o Conselho lhe incumbiu na sessão precedente, participou que de continuo procedeu a todas as diligencias para saber do estado de saúde do Sr. Luiz de Sousa, enquanto elle esteve doente, e bem assim proveu de remedios aveluando o enfermo e sua familia nesse periodo: em virtude do que o pessoal maior da Escola ath presentou serviços de dia e de noite, até ao fim de Março do corrente.

O Sr. Presidente, interpretando a vontade

de

O inspector José António Simões Raposo foi nomeado em 1897 director da Escola Normal. Nessa qualidade figura como Presidente nas actas das sessões do Conselho Escolar desse ano

1895

Nomeado director da Escola Normal masculina, o professor Luis de Sousa, cargo que exerceu até 1897. (1)

1896

J. Augusto Coelho publica o livro: *Organização Geral do Ensino Aplicável ao Estado Actual da Nação Portuguesa* — Porto, Imprensa Portuguesa, 1896.

1897

Nomeado director da Escola Masculina, José António Simões Raposo, inspector da 1.ª Circunscção Escolar. Exerceu o cargo até 1899. (1)

1898

Fazem parte do corpo docente da Escola Normal masculina, os seguintes professores: Francisco Adriano de Faria Júnior, João Duarte Figueira, José António Simões Raposo, José Augusto Coelho (efectivos); Alfredo Júlio de Brito (adido); Pedro José Ferreira (ginástica); Albino Pereira Magno, António Maria de Freitas (auxiliares); Tiago dos Santos Fonseca (escola anexa). (In *Anuário Commercial*).

Fazem parte do corpo docente da Escola Normal feminina, os professores: Maria Honorina Gomes de Sousa (directora); Maria Filomena Rosa da Conceição e Silva Bacelar Leoni, Maria Silvéria Laborde (auxiliares); António dos Reis, José António Simões Raposo, Severo Pires Marinho, Maria Estefânia Loureiro Vasconcelos (em comissão); Maria Antónia Coelho (escola anexa). (In *Anuário Commercial*).

1900

Passa a exercer as funções de director da Escola Masculina, o professor António Maria Vellado da Fonseca, em substituição do Dr. Francisco Adriano de Faria Júnior. (1)

19 de Fevereiro — Instaurado um processo de inquérito ao «aluno Manuel Alves Passarinho, que... no pátio da escola, tinha levantado um viva à República». (1)

Eugénio de Castro Rodrigues publica o livro: *Methodes d'Enseignement dans les écoles primaires de Portugal*, trabalho apresentado na Exposição Universal de Paris, de 1900.

No dia seguinte ao da proclamação da República reuniu o Conselho Escolar da Escola Normal. Conforme se verifica pela acta dessa sessão o director Augusto César Claro da Ricca «informa o conselho que resolveu ir cumprimentar S. Ex.ª o Sr. Ministro do Interior e crê que poderá fazer esses cumprimentos em nome de todos os Srs. professores. Todos os professores presentes declararam aprovar incondicionalmente a proposta do Sr. Presidente».

217
Tiveiro e absolutamente pratico no ensino da disciplina, tem de tornar-se compativel o horario das lições de pedagogia com o funcionamento da Escola annexa, que nos ultimos annos lectivos, e creio mesmo succedea neste, tem firmemente de tarde, juntamente em obediencia ao criterio que acaba de invocar. O prof. Tiago conforma-se com o arbitrio do prof. Baptista, mas declara que, em seu entender, as aulas da Escola annexa deixariam fôrma de manobras. O conselho approva o arbitrio do prof. Baptista. Tornando a usar da palavra o prof. Baptista declara que os seus sentimentos de antigo republicano o leviam a fazer na sessão de hoje uma proposta, que todos comprehenderão qual fosse, mas que se abstem de pôr em pratica o seu proposito para não magoar, por ventura, os sentimentos de alguns dos seus colegas, cuja amizade e boa camaradagem preza a tudo. O Sr. Presidente informa o conselho que resolveu ir cumprimentar S. Ex.ª o Sr. Ministro do Interior e creio que poderá fazer esse cumprimentos em nome de todos os Srs. professores. Todos os professores presentes declararam approvar incondicionalmente a proposta do Sr. Presidente. E nada mais havendo que tratar encerrou o Sr. Presidente a sessão, da qual, para constar, lavrou a acta presente, lida por mim em voz alta e approvada por todos.

O Presidente:

Augusto César Claro da Ricca
Dr. Vogues.

Francisco Adriano de Faria Júnior
João Duarte Figueira
José António Simões Raposo
José Augusto Coelho
Alfredo Júlio de Brito
Pedro José Ferreira
Albino Pereira Magno
António Maria de Freitas
Tiago dos Santos Fonseca

O Dr. José Lopes de Oliveira
foi nomeado director da Escola Normal
em seguida à proclamação da República.
Nesta acta da sessão
de 8 de Novembro de 1910
figura nessa qualidade
como Presidente do Conselho Escolar

Escola Normal de Lisboa
(Sexo masculino)

Acta n.º 460

Sessão extraordinária em 8 de novembro de 1910.

Presidente: O Director Dr. José Lopes de Oliveira

Vogaes presentes: Alvaro Pereira Magno
Engenheiro de Castro Rodrigues
Diogo dos Santos Fonseca
Lezir Alberto da Cunha Bellem
Antonio Maria de Freitas
José Thomaz da Fonseca
Pedro José Ferreira
Lyri Thomaz e Roberto

Vogal secretario: Alberto Pinheiro

O Sr. Presidente abriu a sessão pelas 9 1/2 horas da manhã, sendo lida e approvada sem reclamação a acta da ultima sessão, em seguida ao que o Sr. Presidente saudou os professores, isto ser a primeira vez que os encontra reunidos todos. Ao assumirem a Direcção d'esta Escola encontraram uma distribuição de serviço e um horario para o anno lectivo corrente que tiveram de repudiá-lo. Por isso vão ser apresentados também uma nova distribuição e um novo horario as sentes em base que propoz a Direcção Geral da Instrução Primária, e que esta approvou. Faltou em seguida a leitura do horario e da nova distribuição de serviço, que são os seguintes:

Lingua e litteratura portugueza: 1.ª classe, prof. Alvaro Pereira Magno; 2.ª classe, prof. Antonio Maria de

Aos 13 de Agosto de 1914 foi entregue á alumna d'esta Escola Normal Irene de Gus Vieira Lisboa, o diploma de approvaçáo no exame final do curso normal effectuado em 3.º Julho 1914, em que obteve a media geral de Dezido valores que correspondem a Bom. E, para constar, eu Tiago do Amado Fonseca secretario, na presença do Ex.º Director e da impetrante, lavrei o presente termo que foi assignado no mesmo acto.

O Presidente do Jury

J. Torres da Fonseca

A Alumna

Irene de Gus Vieira Lisboa Tiago do Amado Fonseca

O Secretario

Termo da entrega do diploma de exame final de Irene Lisboa realizado em 1914 e no qual obteve a tão alta classificação de 18 valores

1903

Adoece gravemente o Dr. António Maria Vellado da Fonseca. Passou a desempenhar as funções de director interino José Augusto Coelho, cargo que exerceu durante nove meses. (1)

8 de Outubro — Fazem parte do curriculum escolar 10 áreas disciplinares, distribuidas do seguinte modo, pelos respectivos professores: *Moral e doutrina cristã, direitos e deveres dos cidadãos*: 1.ª e 2.ª classes, Alberto Pimentel. *Lingua e Literatura Portuguesa*: 1.ª classe, César Alberto da Cunha Belém; 2.ª classe, António Maria de Freitas. *Lingua francesa*: 1.ª e 2.ª classes, Albino Pereira Magno. *Aritmética prática e geometria elemental; noções de escrituração commercial e agrícola*: 1.ª classe, César Alberto da Cunha Belém; 2.ª classe, Júlio Maria Baptista. *Cronologia, geografia e história*: 1.ª classe, Tiago dos Santos Fonseca; 2.ª classe, José Augusto Coelho. *Caligrafia e desenho*: 1.ª e 2.ª classes, Eugénio de Castro Rodrigues. *Elementos de ciências naturais*: 1.ª classe, Alberto Pimentel; 2.ª classe, Júlio Maria Baptista. *Pedagogia, metodologia e legislação*: 1.ª classe, Tiago dos Santos Fonseca; 2.ª classe, José Augusto Coe-

lho. *Ginástica*: 1.ª e 2.ª classes, Pedro José Ferreira. *Música*: 1.ª classe, Alberto Pimentel; 2.ª classe, Júlio Maria Baptista. (1-21)

Outubro — É nomeado para reger a disciplina de Música, em substituição de Alberto Pimentel e de Júlio Maria Baptista, o professor Guilherme Ribeiro. Era, «sem contestação, o primeiro professor de Canto-Coral em Lisboa e cuja segura reputação está de há muito feita...» (1) (21)

Surgem desinteligências entre José Augusto Coelho e o corpo docente da Escola Masculina. Coelho é transferido para a Escola Normal Primária feminina. (1)

Novembro — Morre o Dr. António Maria Vellado da Fonseca. É nomeado director da escola masculina Augusto César Claro da Ricca. (1)

Dezembro — José Augusto Coelho é nomeado director da Escola Normal Primária feminina. (1)

1908

1 de Fevereiro — Regicídio. Morte violenta do Rei D. Carlos e do Príncipe D. Luis Filipe. O director da Escola Normal

masculina, em sessão ordinária do Conselho Escolar, realizada em 12 do mesmo mês, referindo-se aos acontecimentos «políticos do dia 1, propôs que na acta se lavrasse um voto de sentimento profundo pelo triste acontecimento que enlutou a Nação». (1)

1910

5 de Outubro — Revolução republicana e implantação da República. Em conselho escolar, convocado para o dia 6 de Outubro, o professor Júlio Maria Baptista declara, com entusiasmo, «os seus sentimentos de republicano» e o director da Escola, Augusto César Claro da Ricca, «informa o Conselho que resolveu ir cumprimentar o Ministro do Interior e cre que poderá fazer esses cumprimentos em nome de todos os professores. Todos os professores presentes declaram aprovar incondicionalmente a proposta do presidente». (1)

Nomeado director da Escola Normal masculina, o professor e escritor Dr. José Lopes de Oliveira. (1)

NO DIA 10 DE DEZEMBRO DE 1916
SENDO PRESIDENTE DA REPUBLICA
O Ex.^{MO} S.^R D.^R BERNARDINO MACHADO
E MINISTRO DA INSTRUÇÃO
O Ex.^{MO} S.^R D.^R PEDRO MARTINS
FORAM OFICIALMENTE INAUGURADAS ESTAS OBRAS
ARQUITECTO A. R. ADÃES BERMUDES

1911

Lopes de Oliveira colabora na redacção do projecto de lei de 29 de Março, notável documento que reforma o ensino primário e normal. O decreto de 29 de Março estrutura em novos moldes e preparação dos professores do ensino primário e cria três escolas normais, a funcionar em Lisboa, Porto e Coimbra, em regime de coeducação de sexos. (20)

Nomeado director da Escola Normal masculina, o pedagogo, escritor e professor Dr. José Tomás da Fonseca. Exerceu estas funções até 1918. (1)

1914

Tomás da Fonseca faz parte da Comissão de Instrução Primária que subscree o parecer sobre a lei n.º 233. (20)

3 de Julho — Foi aprovada no exame final do Curso Normal, com a classificação de 18 valores, Irene do Céu Vieira Lisboa, que mais tarde havia de ser uma das maiores escritoras da Língua Portuguesa. (3)

7 de Julho — É publicada a lei n.º 233, que remodela as escolas normais primárias. (19-20)

1915

É encarregado da regência de um curso de *Pedologia* na Escola Normal de Lisboa, do sexo feminino, o Dr. António Aurélio da Costa Ferreira. Como consequência deste curso, publicou o trabalho: *O Ensino da Pedologia na Escola Normal Primária* (1915). (1)

1916

9 de Março — Nomeada a comissão encarregada de proceder aos trabalhos preparatórios para a instalação da Escola

Normal Primária de Lisboa, presidida pelo Doutor Pedro José da Cunha, director da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa (D.º do G.º n.º 57, 2.ª série). (15)

17 de Março — Nomeada a comissão para dirigir as obras da nova Escola Normal de Lisboa: (D.º do G.º n.º 64, 2.ª série). (15)

24 de Março — Entrega, pelo ministério do Fomento ao de Instrução Pública, dos terrenos destinados à construção do edificio da nova Escola Normal de Lisboa, localizados na Estrada do Calhariz de Benfica (D.º do G.º n.º 70, 2.ª série). (15)

Outubro — O curso das escolas normais primárias distribui-se por três anos e compreende um curso teórico, comum aos dois sexos, e cursos práticos, alguns especiais para cada sexo. As disciplinas do *curso teórico* são: Língua e Literatura Portuguesa; História da Civilização, relacionada com a História Pátria; História da Instrução Popular em Portugal; Geografia Geral, Corografia de Portugal e Colónias; Cosmografia; Matemáticas Elementares; Ciências Físico-Naturais; Noções de Higiene Geral, Higiene Escolar e Pedologia; Pedagogia Geral e História da Educação; Metodologia; Noções de Direito Constitucional, Civil e Administrativo; Legislação do Ensino Primário. Ao *curso prático*, pertencem: Desenho Linear e Projectões; Trabalhos Manuais e Modelação; Música e Canto Coral; Ginástica Pedagógica; Noções de Economia Rural, Jardinagem e Horticultura; Noções de Economia Doméstica, Costura e Lavoros. (16-20)

10 de Dezembro — São inauguradas oficialmente as obras da Escola Normal Primária «sendo Presidente da República o Ex.^{MO} Senhor Dr. Bernardino Machado e Ministro da Instrução o Ex.^{MO} Senhor Dr. Pedro Martins». «Arquitecto A. R. Adães Bermudes». O edificio é construído na Quinta de Marrocos, em Benfica. (21)

Lápide comemorativa de terem sido inauguradas oficialmente as obras de construção do actual edificio da Escola de Magistério Primário de Lisboa



Termo de posse do professor efectivo

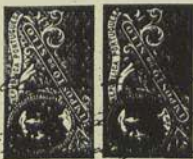
Tomás Vaz de Borba
Conferida em 19 de Dezembro de 1923

Nos dezanove dias do mês de Dezembro de mil novecentos e vinte e três na secretaria da Escola Normal Superior de Lisboa, estando presentes Luis Maria de Passos da Silva, director e Aníbal Maria de Jesus Meireles, secretario, compareceu o professor Tomás Vaz de Borba apresentando o Diário do Governo numero duzentos e oitenta, segunda, segunda serie de três de Dezembro de mil novecentos e vinte e três em que vem publicado o decreto que o nomeia professor efectivo da decima cadeira, musica e canto coral.

Tendo o referido professor Tomás Vaz de Borba apresentado o seu bilhete de identidade com o numero onze mil cento e oito e declarado por sua honra que desempenhará as funções que lhe vão ser entregues, com fidelidade, pelo Suestor lhe foi conferida a posse como requeriu.

Eu Aníbal Maria de Jesus Meireles, secretario lancei o presente auto que depois de lido em voz alta, vai ser assinado pelos presentes

Tomás Vaz de Borba
Luís Maria de Passos da Silva
Alberto Pimentel
Aníbal Maria de Jesus Meireles



O livro de Irene Lisboa
13 Contarelos
foi composto e impresso
na Tipografia da Escola Normal Primária
de Lisboa



que

IRENE escreveu e ILDA ilustrou

1917

23 de Junho — É prestada homenagem, na Escola Normal, ao professor de ginástica, Pedro José Ferreira, promovida por uma comissão «de antigos discípulos». Pedro José Ferreira «é não só um grande carácter, mas também uma individualidade em destaque no professorado português». Foi «o primeiro, apóstolo fervoroso, entusiasta, da Educação Física em Portugal...» (25)

1918

Janeiro — É criada, na Escola Normal do Calvário, uma Associação de Estudantes. «A associação serviu de ponto de apoio a uma maior liberdade na escola e aos primeiros passos para o regime coeducativo de sexos...» Promovia sessões de Arte e organizava conferências, festas de teatro, excursões, etc., etc. (17)

Fevereiro — É nomeado director da Escola Normal, ainda a funcionar nas instalações do Calvário, o Dr. Adolfo Godfroy de Abreu e Lima. A acta da sessão do dia 7, regista um longo discurso programático do novo director, no qual tece interessantes considerações pedagógicas e críticas acerca da Escola e do Ensino. (1-21)

11 de Julho — Entra em funcionamento a nova Escola Normal Primária de Lisboa (Decreto n.º 4579). (20)

18 de Julho — Toma posse de professor de «Higiene Geral, Higiene Escolar e Pedologia» o Doutor Sebastião Cabral da Costa Sacadura. A posse foi-lhe conferida pelo director da Escola, Dr. Adolfo Godfroy de Abreu e Lima. (2)

10 de Agosto — São introduzidas modificações nas disciplinas curriculares da Escola Normal Primária de Lisboa, após audiência do respectivo Conselho Escolar. (20)

30 de Agosto — É nomeado professor provisório de *Psicologia Experimental*, o Doutor António Aurélio da Costa Ferreira (Posse em 6 de Setembro). (2)

4 de Dezembro — Abre a Escola Normal nas salas do Clube de Desportos Lisboa e Benfica, cedidas pela respectiva direcção. Depois das férias do Natal passou a funcionar na parte então disponível do edifício próprio da Quinta de Marrocos. (18-19)

1919

Criada, na Escola Normal de Benfica, uma Associação Escolar, que durou enquanto Adolfo Lima foi director da Escola. Os princípios pedagógicos dessa Associação e os seus estatutos eram muito semelhantes aos da Escola do Calvário. (17)

1920

16 de Janeiro — É aprovado, pelo Decreto n.º 6351, o Regulamento Interno da Escola Normal Primária de Lisboa. Ambicioso nos seus objectivos, esse Regulamento entendia que tudo devia «convergir e conspirar» para «exclusivo bem do estudante». A «Escola é do estudante para o estudante». (20)

Tomaram posse dos lugares de professores efectivos da Escola Normal Primária de Benfica: em 1 de Outubro — João da Silva Correia Júnior (Língua e Literatura Portuguesa); em 2 de Dezembro — Luis Maria de Passos da Silva (Matemática Elementar). (2)

João da Silva Correia publica o trabalho: *O Doutor Adolfo Coelho e o seu Labor Pedagógico* — Lisboa, 1920, editado pela Cooperativa Tipográfica da Escola Normal Primária de Lisboa.

1921

Adolfo Lima publica o primeiro volume da sua obra: *Metodologia* — Lições professadas na Escola Normal de Lisboa nos anos de 1918-1919 e 1919-1920. Lisboa, Livraria Féris, Torres e Companhia. (2)

16 de Abril — Toma posse do lugar de professor efectivo da Escola de Benfica: Raul Rafael Ferreira Navas (História da Civilização relacionada com a História Pátria). (2)

27 de Maio — Adolfo Lima pede a exoneração de director interino e de professor de Metodologia da Escola Normal Primária de Lisboa. (1)

1922

1 de Abril — O Decreto n.º 8086, manda anexar à Escola Normal, a Escola Primária Superior do Instituto do Professorado Primário. (20)

14 de Agosto — Toma posse de professor efectivo da Escola Normal de Benfica: Pedro José Ferreira (Educação Física). (2)

1923

Os professores Alberto Pimentel e João da Silva Correia, redigem o notável documento pedagógico: *Instruções sobre Jogos de Leitura*, que o eminente pedagogo António Sérgio os incumbira de organizar, quando efémero Ministro da Instrução Pública. (21)

Tomaram posse de professores efectivos da Escola Normal de Benfica:

22 de Outubro — José Pereira (Desenho e Modelação). (2)

3 de Dezembro — Alberto Pimentel (Pedagogia Geral e História da Educação). (2)

4 de Dezembro — Abílio Maria de Jesus Meireles (Trabalhos Manuais). (2)

8 de Dezembro — José Gonçalves da Costa de Santa Rita (Geografia Geral, Corografia de Portugal e Colónias). (2)

10 de Dezembro — Adolfo Godfroy de Abreu e Lima (Metodologia). (2)

14 de Dezembro — José do Vale de Matos Cid (Direito Usual e Economia Social). (2)

14 de Dezembro — Albertina Maria da Costa (Desenho e Modelação). (2)

15 de Dezembro — José Francisco Teixeira de Azevedo (Legislação Comparada do Ensino Primário). (2)

17 de Dezembro — Luísa Emília Seixo Robertes (Economia Doméstica, Costura e Lavoros). (2)

19 de Dezembro — Tomás Vaz Borba (Música e Canto Coral). (2)

25 de Dezembro — Sebastião Cabral da Costa Sacadura (Psicologia Experimental e Noções de Higiene). (2)

26 de Dezembro — Frederico António Ferreira de Simas (Ciências Físico-Químico-Naturais). (2)

Dezembro — Passa a exercer as funções de director da Escola Normal, o Dr. Luis Maria de Passos da Silva. (1)

1924

10 de Janeiro — Começa a publicar-se a importante revista: *Educação Social* (Revista de Pedagogia e Sociologia), dirigida pelo professor Adolfo Lima. Na lista de colaboradores, figuram muitos professores da Escola Normal.

24 de Setembro — A direcção da Escola Normal é autorizada a ceder as dependências da Quinta de Marrocos que julgar dispensáveis, a fim de nelas se proceder à instalação, a título provisório, do Instituto do Professorado Primário (Portaria n.º 4209). (20)

1926

3 de Janeiro — Luís de Passos participa activamente no 8.º Congresso Pedagógico, promovido pela União do Professorado Primário, como delegado da Escola Normal de Benfica. (23)

Irene Lisboa publica o livro *13 Contarelos*, ilustrado por Ilda Moreira, composto e impresso na Tipografia da Escola Normal Primária de Lisboa.

28 de Maio — Revolta militar, chefiada por Gomes da Costa, que instituiu a Ditadura.

1927

A revista *Educação Social* aparece como órgão português da «Liga Internacional para a Educação Nova». (24)

Outubro — É preso, por motivos políticos, o Dr. Adolfo Lima. A revista *Educação Social* deixa de se publicar. (24)



Frontaria da Escola de Magistério Primário de Lisboa

Escola de Magistério Primário de Lisboa,
Aspecto lateral



12 de Novembro — Adolfo Ferrière publica no *Journal de Genève* um veemente protesto contra a prisão de Adolfo Lima e lamenta o emudecimento da revista *Educação Social*. (24)

1928

24 de Novembro — Nomeado professor efectivo da Escola Normal, o Dr. Fernando da Costa Cabral. (2)

5 de Dezembro — Nomeados professores efectivos da Escola Normal, os Drs. André Daniel Calvo Velasco e Jaime Maximiniano Gouveia Xavier de Brito. (2)

1929

8 de Abril — Nomeado professor efectivo da Escola Normal, o Dr. Joaquim Manuel Duarte Ferreira. (2)

1930

19 de Julho — As Escolas Normais primárias passaram a ser designadas por Escolas do Magistério Primário, nos termos do Art.º 2.º, do Decreto n.º 18 646. Segundo este decreto, «as escolas do magistério primário» são destinadas «à preparação do professorado primário e infantil». Na Escola do Magistério Primário de Lisboa, «ministra-se um curso de habilitação para o magistério especial de anormais».

4 de Novembro — Chega a Lisboa, onde faz conferências e se avista com alguns mentores da Escola Nova em Portugal, o professor Dr. Adolfo Ferrière. Adolfo Lima encontra-se com o grande pedagogo suíço no dia 7. (24)

17 de Novembro — Adolfo Ferrière visita as instalações da Escola do Magistério. Aqui aprecia uma notável exposição de trabalhos dos alunos e de material didáctico. Numa das salas viu, com surpresa, um retrato seu desenhado por uma aluna-mestra. (24)

Adolfo Lima publica o primeiro volume da sua notável obra: *Pedagogia Sociológica* — Edição de Couto Martins, Lisboa, s. d.

Passou a exercer as funções de director da Escola do Magistério Primário de Lisboa, o Dr. José Francisco Teixeira de Azevedo. (2)

BIBLIOGRAFIA

1 — *Livros de Actas da Escola Normal Primária de Lisboa*, arquivados na Biblioteca da actual Escola do Magistério Primário de Lisboa.

2 — *Livros de Registos de Posses*, arquivados na Secretaria da Escola do Magistério Primário de Lisboa.

3 — *Livro de Termos de Exames* do ano de 1914, arquivado na Secretaria da Escola do Magistério Primário de Lisboa.

4 — *Colecção da Legislação Portuguesa desde a última compilação das Ordenações*, redigida pelo desembargador António Delgado da Silva (anos de 1844 e 1845).

5 — *Reforma da Instrução*, publicada no «Diário do Governo», n.º 220, de 28-9-1844.

6 — *Regulamento para a Escola Normal Primária de Lisboa*, aprovado em 24 de Dezembro de 1845, publicado no «Diário do Governo», n.º 306, de 29 de Dezembro de 1845.

7 — *Boletim Geral de Instrução Pública* — Publicação Semanal — Início da publicação: 1861- (1861 a 1865).

8 — João José de Sousa Teles — *Anuário Português — Científico, Literário e Artístico* — Primeiro ano 1863 — Lisboa, Tipografia Universal, 1864.

9 — E. M. Campagne — *Dicionário Universal de Educação e Ensino* — Traduzido a Português por Camilo Castelo Branco e ampliado pelo tradutor nos artigos deficientes em Assuntos Relativos a Portugal — Livraria Internacional, Porto, 1873 (3 volumes).

10 — João de Deus — *A Cartilha Maternal e o Apostolado*, Lisboa, Viúva Bertrand e C.ª, s. d. (1861?)

11 — J. A. Simões Raposo — *Conferências Pedagógicas*, Lisboa, 1883.

12 — *Revista Escolar Portuguesa* — sob a direcção de José Elias Garcia e Dr. José da Cunha Castelo Branco Saraiva. 1.º número: 29 de Fevereiro de 1884.

13 — J. Augusto Coelho — *Princípios de Pedagogia* — Porto, 1891, 4 volumes.

14 — Luis Filipe Leite — *Do Ensino Normal* — Trabalho apresentado ao Congresso Pedagógico Hispano-Português-Americano (Secção Portuguesa) — Imprensa da Universidade — Coimbra, 1892.

15 — *Boletim Oficial do Ministério de Instrução Pública* — Publicação mensal; Lisboa, 1916 — Ano I (N.ºs 2, 4 e 5).

16 — Luis Passos — *A Escola Normal Primária* — separata da «Revista de Educação Geral e Técnica», Lisboa, 1917.

17 — Adolfo Lima — *Pedagogia Sociológica* — Lisboa, 1933 (1.º vol.); 1936 (2.º vol.).

18 — Alberto Pimentel, Filho — *Lições de Pedagogia Geral e de História da Educação* — Guimarães e C.ª Editores, Lisboa, s. d.

19 — Alberto Pimentel — *A «Sorbonne... de Benfca»* — Os Mestres — Artigo publicado no jornal «República», de 22-6-1938.

20 — J. Salvado Sampaio — *O Ensino Primário (1911-1969)* — Contribuição Monográfica — Volume I, 1.º Período, 1911-1926. Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Investigação Pedagógica — Lisboa, 1975.

21 — J. E. Moreirinhas Pinheiro — *Notas sobre a Escola Normal Primária de Lisboa e alguns dos seus Mestres* — Lisboa, 1976.

22 — Joaquim Ferreira Gomes — *Escolas Normais para Habilitação de Professores Primários Criadas no Século XIX*. «Revista Portuguesa de Pedagogia», Ano XIII, 1979 — pág. 151 e seg.

23 — *Anuário do Professorado Primário* — Director: Professor M. Santos Costa — 5.º ano, Aveiro, 1927.

24 — António Nóvoa — *Adolphe Ferrière et le Mouvement de L'Education Nouvelle au Portugal (1920-1935)*. Université de Genève — F. A. P. S. E., 1981/82.

25 — *Boletim Pedagógico* — (Órgão do Professorado Primário Oficial) — Ano III, n.º 20, Lisboa, 1 de Outubro de 1917.

CERÂMICA DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO NO PALÁCIO GALVEIAS

Com atraso de um ano, a Câmara Municipal de Lisboa não quis, ainda assim, deixar de comemorar a passagem do primeiro centenário da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, inaugurando no dia 31 de Outubro do ano transacto, uma exposição de Faianças daquela Fábrica, executadas durante o período em que foi seu director artístico Rafael Bordalo Pinheiro, prestando, ao mesmo tempo, homenagem a este grande Artista.

Além de cumprir estes objectivos, esta exposição foi também uma oportunidade para apresentar em boas condições museológicas a importante colecção cerâmica do Museu Municipal Rafael Bordalo Pinheiro onde aquela colecção, devido à exiguidade do espaço e às condições do edifício, está sub-valorizada, permanecendo parte dela em arrecadação.

Na realidade, o Museu Rafael Bordalo Pinheiro, situado no prédio n.º 383 do Campo Grande, está prejudicado pelos próprios condicionamentos da sua origem e formação. Nascido a partir da bordaliana reunida pelo poeta Artur Ernesto de Santa Cruz Magalhães, no decurso do primeiro quartel deste século, abriu as suas portas ao público pela primeira vez, como colecção particular, em 1916, na própria residência daquele benemérito, o edifício onde ainda hoje se encontra instalado que acabava de ser construído sob projecto do architecto Álvaro Machado. Quando foi doado à Câmara Municipal de Lisboa em 1924 arrastou consigo aquela residência, então já completa-



RETRATO DE
RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Representa o Artista
em 1893
com 47 anos de idade

mente absorvida pelo museu, ocupando a obra gráfica e artística de Bordalo todo o primeiro andar e ficando reservada à cerâmica apenas parte do rés-do-chão. Já depois da morte de Cruz Magalhães que ocorreu a 9 de Agosto de 1928, sua sobrinha, Julieta Ferrão, que, entretanto, foi nomeada Conservadora do Museu em cumprimento duma cláusula expressa na própria doação à Câmara, introduziu grandes modificações e os melhoramentos que toram possíveis, mas sem nunca ter conseguido, naturalmente, superar a escassez e acanhamento do edifício, completamente inadequado à vastidão e características da obra ali exposta, ficando particularmente prejudicada a colecção cerâmica que pela sua presença decorativa e intensidade de colorido exige grandes espaços.

Devido, porém, a tratar-se duma doação que incluiu edifício e recheio museológico, não tem sido posta a hipótese da sua transferência para outro local, esperando-se que surja uma oportunidade que permita a ampliação do imóvel.

Voltemos a Rafael Bordalo Pinheiro e à sua cerâmica. Antes, porém, de tratarmos desta e da exposição a ele dedicada que esteve patente no Palácio Galveias, vem a propósito dar um breve apontamento biográfico do artista polímorfo que foi Bordalo Pinheiro, já que a sua obra cerâmica desenvolveu-se paralelamente com a restante obra do Artista, havendo interferências constantes e profundas entre as várias modalidades a que se entregou. Assim na obra cerâmica bordaliana está sempre presente o caricaturista e o decorador.

Rafael Bordalo Pinheiro nasceu a 21 de Março de 1846 em Lisboa, no seio duma família particularmente dotada para as artes, filho do artista enciclopédico, pintor, escultor, gravador, Manuel Maria Bordalo Pinheiro e contando entre os vários irmãos, Maria Augusta Bordalo Pinheiro, a delicada renovadora das maravilhosas rendas de bilros, e o grande Columbano.

De temperamento independente, dado a certa rebeldia, não se conformou com a disciplina escolar, matriculando-se, sucessivamente, na Academia de Belas Artes, no Curso Superior de Letras e na Escola de Arte Dramática, tendo desistido logo no início de cada um dos cursos que encetou. Espírito criador, dotado de grande espontaneidade, confiou para vencer nas várias modalidades experimentadas apenas no seu autodidactismo.

Ainda jovem tenta a carreira teatral, chegando a estrear-se como actor no pequeno Teatro Garrett, na Travessa do Forno, aos Anjos, carreira de que logo é desencorajado pelos familiares, ficando, porém, pela vida fora profundamente ligado ao teatro e aos seus figurantes o que o levará a colocar grande parte da



CANTIL DEDICADO A
ANTÓNIO DE CASTILHO
(reverso)

Com a caricatura do enfermeiro António de Castilho que tratou o Artista quando este partiu uma perna, tendo sob cada uma das pernas um rebuçado.

Por baixo a inscrição:

A ANTONIO DE CASTILHO

— RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO.

A outra face é decorada

com uma longa dedicatória pintada.

Barro vermelho pintado de negro.

Fábrica de Lisboa (?) não identificada, 1883

Altura: 190 mm

Pertence ao Exm.^o Senhor António Capucho

BULE EM FORMA DE
CABEÇA DE TOUREIRO

Com montera e fumando charuto que forma o bico do bule.

Tampa integrada na montera e asa formada por uma trança de cabelo.

Barro vidrado policromado.

Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, 1897.

Altura: 210 mm

Museu Rafael Bordalo Pinheiro





**AZULEJOS NATURALISTAS
A FORMAR CANTOS**

Decoração relevada,
constituída por vides com parras
e um cacho de uvas, sobre encastrado.
Barro esmaltado.
Decoração policroma sobre fundo branco.
Fábrica de Faianças
das Caldas da Rainha, 1890.
Museu Rafael Bordalo Pinheiro

sua arte e do seu talento ao serviço da cena e dos actores.

Influenciado pelo ambiente familiar pensou, de início, ganhar a vida como artista plástico, concorrendo com regularidade, entre 1867 e 1874, às exposições da Sociedade Promotora de Belas Artes, com obras onde deu preferência a tipos populares e cenas de costumes, muitos dos quais irá mais tarde recriar na cerâmica.

Ao mesmo tempo que concorria às exposições da Promotora com aquarelas e desenhos, desenvolvia grande actividade como ilustrador e decorador, compondo desenhos para capas, ilustrando romances, colaborando em almanaques, assinando litografias e «posters», prestando colaboração a revistas estrangeiras tão afamadas como a «Illustrated London News», o «El Bazar», «El Mundo Cómico» etc., e tentava as primeiras experiências no campo da caricatura política e social, campo onde se vai particularmente notabilizar.

PRATO COM PAISAGEM E GAIO

Um gaio em alto-relevo
pousado sobre paisagem com giestas,
espigas de trigo e papoilas em baixo-relevo.
Sobre a papoila pendea um gafanhoto
e uma borboleta sobre as espigas de trigo.
Barro esmaltado policromo.
Fábrica de Faianças
das Caldas da Rainha, 1901.
Diâmetro: 610 mm.
Museu Rafael Bordalo Pinheiro.



É a partir de 1870, com o êxito alcançado com «O Dente da Baronesa», inspirado na peça homónima de Teixeira de Vasconcelos, então em cena, que a caricatura se lhe vai impor como uma opção decisiva. Segue-se-lhe «O Calcanhar de Aquiles» (1870) álbum que caricatura, em delicadas águas-fortes, algumas das figuras mais conhecidas do meio literário lisboeta, ao mesmo tempo que se abalança à publicação dos seus primeiros jornais de crítica e caricatura, «A Berlinda» e «O Binóculo», cujos primeiros números apareceram em 1870. Interrompidos estes jornais, vai desenvolver nos anos seguintes grande actividade como ilustrador, continuando a concorrer às exposições da Promotora, para voltar em 1875 à caricatura de intervenção com a publicação do seu primeiro jornal de crítica política e social de grande fôlego, «A Lanterna Mágica», que conta com a colaboração literária de Guilherme de Azevedo e Guerra Junqueiro, distarçados sob o pseudónimo de Gil Vaz. Apesar do sucesso alcançado, em Julho interrompe a publicação do jornal para aceitar o convite que lhe veio do Brasil para onde segue em Agosto como colaborador de «O Mosquito», jornal humorístico dirigido por Manuel Carneiro. No Brasil vai permanecer pelo espaço de quatro anos, encontrando-se de regresso em Abril de 1879 para retomar o percurso tão auspiciosamente iniciado com a «Lanterna

PAINEL QUE DECORA O LAVABO DA SALA DE JANTAR DO PALACETE «BEAU-SEJOUR».

Composição formada com peças cerâmicas soltas enquadradas num fundo a imitar o mar. Moldura formada por azulejos e friso de padrão «nenúlar e rã».

Barro esmaltado policromo. Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, 1892.





CABEÇA DE VELHA

Com lenço atado à cabeça.

Sobre peanha.

Barro esmaltado de branco (cabeça)

e verde (peanha).

Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, s/data.

Altura: 420 mm.

Pertence ao Exm.^o Sr. Ronald Charles Wolf

Mágica» e abruptamente interrompido. Em 12 de Junho de 1879 aparece o primeiro número de «O António Maria», jornal que, segundo as suas próprias palavras, devia tornar-se na «crónica da vida política, vida social e artística portuguesa» e que com o «Álbum das Glórias», importante arquivo de biografias das grandes figuras do pensamento, das artes e da política suas contemporâneas que vai publicar simultaneamente com aquele, Rafael Bordalo Pinheiro, em plena maturidade, atinge o ponto mais alto

da sua brilhante carreira de caricaturista, crítico e panfletário.

É nesta fase que o Artista vai também desenvolver uma grande militância política, ao lado do nascente partido republicano que vai ajudar a crescer e a propagandar.

Interrompida a publicação de «O António Maria» em 1885, este jornal é substituído, de seguida, pelos «Pontos nos II» com idêntica linha programática e que acabará por ser violentamente suspenso pelo governo em 1891, em consequência das páginas violentas dedicadas à Revolta de 31 de Janeiro no Porto, no seu número de Fevereiro daquele ano. É neste jornal que dedica todo um Suplemento à Exposição Internacional de Paris de 1889, acontecimento em que interferiu como responsável artístico pelo Pavilhão de Portugal e que tão profundamente havia de marcar a sua mentalidade e a sua evolução artística.

Regressa ainda no mesmo ano de 1891 ao «António Maria», 2.^a série, Semanário que vai publicar com regularida-

JARRA DEDICADA AO DR. ABÍLIO DE MASCARENHAS

Decoração caricatural em alto relevo representando uma rá, uma lagartixa e a autocaricatura

de Rafael Bordalo Pinheiro segurando uma cartela

com a inscrição riscada na pasta:

AO / DR. ABÍLIO MASCARENHAS /

LEMBRANÇA DO ANTRAZ /

DO SEU RECONHECIDO AMIGO /

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO /

CALDAS / 1888.

Circuitando o bojo,

uma faixa com ramos de videira

em baixo-relevo.

Barro esmaltado;

a autocaricatura em terracota.

Fábrica de Faianças

das Caldas da Rainha, 1888.

Altura: 300 mm.

Colecção particular



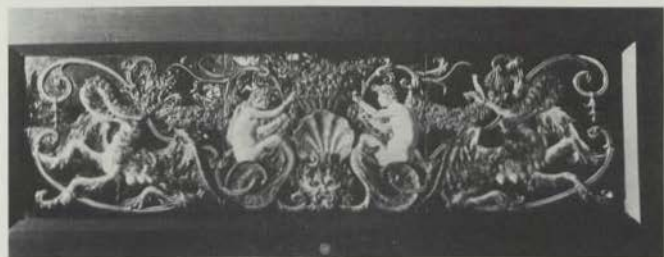


GARRAFA DEDICADA AO DR. FEIJÃO

Decoração caricatural, em alto-relevo, constituída por ramos e vagens de feijoeiro em alusão ao nome do médico a quem é dedicada, três lagartos e duas mãos aladas em gesto de espremer (o antraz de que sofreu o Artista em 1888). Apoiada a uma das asas a autocaricatura de Rafael Bordalo Pinheiro, representado em corpo inteiro. Numa folha, a dedicatória riscada: AO DR. FEIJÃO / LEMBRANÇA DA... / DO SEU AMIGO RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO / CALDAS DA RAINHA. Barro esmaltado policromo. A autocaricatura e as mãos em terracota. Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, 1888. Altura: 350 mm. Museu de Cerâmica. Caldas da Rainha

FRISO DE FOGÃO DE SALA DO PALACETE LAMBERTINI

Três placas com fina decoração em alto e baixo-relevo de inspiração «renascentista», centrada por um grupo representando duas figuras mitológicas ladeando uma composição formada por um «mascaron», uma concha e uma cestinha com flores sobrepostas. O restante campo é ocupado por volutas, enrolamentos, grinaldas e dois monstros, dispostos simetricamente em relação ao centro. Barro esmaltado policromo. Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, 1903. Peça assinada. Dimensões: 320x1100 mm. Museu Rafael Bordalo Pinheiro



PEIXEIRA OVARINA

Figura de movimento representando uma ovarina dançando. Barro esmaltado policromo; rosto pintado. Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, s/data. Peça assinada. Altura: 223 mm. Museu Rafael Bordalo Pinheiro





**CANDEEIRO
DE JUSTINO GUEDES**

Decoração de inspiração renascentista com figuras mitológicas (uma sereia, amorzinhos e golfinhos). O corpo central esférico é coberto com decoração reproduzindo azulejos hispano-mouriscos em miniatura. Integrada na decoração, a legenda em letras relevadas: JUSTINO GUEDES – BORDALLO PINHEIRO CALDAS DA RAINHA 1898. Barro esmaltado policromo. Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, 1898. Museu Rafael Bordalo Pinheiro

**ASPECTO DA SALA DE JANTAR
DA CASA DE ROQUE GAMEIRO
NA VENTEIRA (Amadora)**

Decorada com silhar de azulejos de padrão «cabeça de nabo», rematado com barra com motivos fitomórficos. Barro esmaltado policromo. Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, 1898



Decoração de inspiração «rocaille», com folhas de acanto, enrolamentos e volutas, concentrando-se junto do bordo e do pé; sobre o gargalo, um «mascaron» e sobre o bojo, duas figuras, em alto relevo, representando um fauno e uma ninfa, segurando cada um sua grinalda que partem da base do monograma AC (Adriano Coelho) entrelaçados. Uma corrente suspensa dos enrolamentos do bordo descai sobre o bojo. Barro esmaltado. Decoração branco azulado sobre fundo azul da Prússia. Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, s/data. Peça assinada. Altura 1000 mm. Museu Rafael Bordalo Pinheiro



de até 1898. Em 1900 lança «A Paródia», seu último jornal, onde a colaboração do filho, Manuel Gustavo, se vai substituindo progressivamente à sua.

Desencantado com a indiferença do governo e desiludido com o conformismo mesquinho com que o povo foi-se afezando aos desacreditados governos que se sucederam no poder nas últimas décadas de oitocentos, o lutador e panfletário corajoso de «O António Maria» da 1.ª série e de «Pontos nos ii» vai dando lugar ao crítico e comentador de efemérides sociais, mais calmo e, talvez, menos virulento, dos últimos jornais.

De regresso duma viagem ao Porto onde fora encarregar-se das decorações para o Carnaval e em consequência dum resfriamento que lhe agrava a bronquite crónica de que sofria, morre na sua casa no Largo de Abegoaria (actual Largo Rafael Bordalo Pinheiro) no dia 23 de Janeiro de 1905. Não tinha ainda completado 59 anos de idade e deixava atrás de si uma obra duma vastidão assombrosa e duma riqueza e criatividade ímpares.

Foi em 1884 que Rafael Bordalo Pinheiro, no auge duma gloriosa carreira artística, acorda para a cerâmica, desenvolvendo, a partir de então, esta actividade paralelamente com as de decorador, ilustrador e caricaturista. Radica-se nas Caldas da Rainha na Primavera daquele ano, trabalhando na Fábrica Gomes de Avelar enquanto espera a construção da Fábrica de Faianças da qual vai ser nomeado Director Artístico e de que o irmão Feliciano, responsável pela sua escolha para este cargo, vai ser nomeado Gerente.

Durante os 21 anos que se manteve à frente da Fábrica de Faianças vai produzir uma obra surpreendente, pelo número de peças fabricadas, pela originalidade e força decorativa dos modelos criados e pela mestria dos processos técnicos alcançados e, singular, considerada como produção de um só artista, tanto em termos nacionais, como internacionais.

Esta obra prodigiosa tem andado, no entanto, bastante esquecida, apesar da sua ampla representação no Museu Rafael Bordalo Pinheiro de Lisboa e dos núcleos mais pequenos, mas também representativos, existentes no Museu José Malhoa, no Museu de Cerâmica e no pequeno Museu da Fábrica Bordalo Pinheiro, todos situados nas Caldas da Rainha, além de algumas colecções particulares, especialmente a Colecção Capucho que tem passado de pais para filhos, e a colecção que está a ser organizada pelo dr. Artur Maldonado de Freitas na sua residência das Caldas da Rainha.

Ultimamente também têm sido organizadas alguma exposições dedicadas às cerâmicas caldenses, onde a colecção bordaliana tem tido parte importante, no-



CAIXA REPRESENTANDO A CABEÇA DE DONA HELENA BORDALO PINHEIRO (filha do Artista)

O carrapito no alto da cabeça

forma a tampa.

Barro cozido.

Fábrica de Faianças

das Caldas da Rainha, 1904/1905.

Altura: 255 mm

Museu José Malhoa, Caldas da Rainha

meadamente a «Expo-Caldas 77», organizada pelo Museu José Malhoa em 1977, a exposição «Cerâmicas da Coleção A. Lucas Cabral», organizada pela então Comissão Organizadora do Museu da Cerâmica de Caldas da Rainha, em 1980, e a dedicada às «Cerâmicas Antigas das Caldas e de Bordalo Pinheiro», organizada pelo mesmo Museu e pela Junta de Turismo da Costa do Sol, no Estoril, em 1984, em qualquer delas, porém, por falta de um critério seguro de selecção e por nelas a obra de Bordalo aparecer confundida com a restante produção cerâmica das Caldas da Rainha, aquela não obteve a correcta valorização que há muito andava a exigir.

Tardava, pois, a organização de uma grande exposição panorâmica dedicada exclusivamente à dispersa obra cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro, onde esta aparecesse em conjunto, em toda a sua força e dimensão e, principalmente, ordenada segundo critérios didácticos.

Foi com este objectivo que nos propusemos organizar a presente exposição, intitulada «Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro», onde foi possível reunir mais de seiscentas peças criadas por Bordalo que, com excepção de algumas experiências iniciais, foram todas produzidas na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha entre 1884 e 1905. O espaço dedicado à esta exposição no andar nobre do Palácio Galveias, se bem não fosse ainda o ideal, nem no que respeita a dimensões, nem no que respeita a condições ambientais — trata-se dum Palácio sobrecarregado de decoração — foi possível, ainda assim, expor ao público uma boa amostragem de cerâmicas bordalianas, em número e em qualidade, ordenadas segundo critérios selectivos. Organizada, na sua maior parte, com peças provenientes da Coleção do Museu Rafael Bordalo Pinheiro, foi esta apenas completada com alguns exemplares cedidos pelo Museu José Malhoa, Museu

de Cerâmica de Caldas da Rainha e Museu da Fábrica Bordalo Pinheiro, além de algumas peças, consideradas especialmente representativas, emprestadas por particulares. Na apresentação das peças foi respeitada uma sequência lógica, harmonizando critérios tipológicos com critérios cronológicos, distinguindo nela núcleos representativos das várias modalidades a que se dedicou o artista, nomeadamente a *Cerâmica Artística*, a *Louça Comum* e os *Azulejos e outros materiais de construção*.

De acordo com esta linha programática, a exposição abria na Sala semicircular, onde foi colocado um expositor com ampliações fotográficas, reproduzindo aspectos da desaparecida Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, do Pavilhão de Vendas, do Chalet que servia de residência a Bordalo Pinheiro, da mata envolvente, reproduzindo outros grupos em que se vê o Artista entre os Operários, e o Artista entre os seus alunos, todas obtidas a partir de documentação existente no arquivo do Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

Na mesma sala dispunham-se algumas experiências cerâmicas realizadas em Paris por Bordalo antes da sua iniciação como ceramista, com relevo para as placas desenhadas pelo Artista e pintadas por Maria Augusta Bordalo Pinheiro, datadas de 1883, uma representando a *Auto-Caricatura de Rafael Bordalo Pinheiro brincando com o seu gato* e a outra representando o *Zé Povinho vestido de japonês atirando com a albarda ao ar*.

Seguia-se, em expositor separado, uma amostragem das primeiras obras cerâmicas de Bordalo feitas posteriormente à sua indigitação para Director Artístico da Fábrica, mas antes da inauguração desta em Setembro de 1884, realizadas em oficinas de Lisboa e na Fábrica Gomes de Avelar das Caldas da Rainha, onde trabalhou por cedência do seu proprietário, entre as quais destacamos os dois *Pratos dedicados ao actor Silva Pereira*, o *Prato dedicado ao actor João Rosa*, a *Placa caricaturando a Lei Penal do Lopo Vaz de Sampaio e Melo*, o *Prato dedicado ao actor Augusto* e os *Pratos com Cabeça de Gato*, com *Senhora de Sombriinha Vermelha* e com o *Busto da actriz Visconti*, todos datados da Primavera de 1884.

A restante obra de Rafael Bordalo Pinheiro, toda produzida na Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, ocupou completamente o grande salão e a galeria, dispondo-se em expositores e em painéis que revestiam as paredes.

No sector dedicado à Cerâmica Artística, a modalidade a que Bordalo principalmente se entregou e, por isso, a mais largamente representada, destacavam-se os seguintes agrupamentos: vasilhame utilitário e decorativo (pratos, jarras,

cantis, canjirões, pichéis, garrafas, flores, alcovas, suspensões diversas, etc.) com decoração naturalista, na sua maior parte datadas da primeira fase da laboração da Fábrica, revelando forte influência palissiana absorvida através de uma tradição que Bordalo já encontrou enraizada nas Caldas e que o Artista soube aproveitar e enriquecer, inspirando-se na flora e fauna locais. Este núcleo de peças, muitas vezes repetindo-se com pequenas variantes, formava um conjunto que se impunha pela exuberância da decoração, o colorido festivo e o brilho dos esmaltes frequentemente decompondo-se em tons irizados. Neste sector incluímos também um grupo de peças antropomórficas e zoomórficas (cabeça de vaca, de touro, de gato, de carneiro, macacos trepadores, etc.) e objectos de uso comum como o *Paliteiro — Albarda de burro*, o *Escarrador — Agiota*, o *Escarrador — Saco de libras*, *Escarrador — Cartola com luvas*, o *Cinzeiro — O Milhão*, etc., que, pela forma e decoração, implicam já certa intenção crítica e que são, como as anteriores, na sua maior parte, modelos da primeira fase da laboração da Fábrica, mas das quais foram feitas tiragens sucessivas, algumas mesmo posteriores à morte de Bordalo. Aliás, este nunca abandonou o género, tão do agrado popular, criando novos modelos onde, ao carácter utilitário, aliava a intenção de divertir e criticar. Neste grupo de peças são de destacar, pela boa modelação, graça e bonito colorido, os Serviços de Chá constituídos pelo *Cantil — Cabeça de Chinês*, o *Bule — Cabeça de Janota*, o *Bule — Cabeça de Toureiro*, as *Chávenas — Carranca de Chinês*, etc., datadas já de 1897. Seguiu-se a este núcleo, um sector dedicado às peças de influência Historicista, inspiradas nos estilos manuelino, renascentista, barroco, etc., e de influência Arte Nova, todas com data posterior a 1890, criadas depois do regresso do Artista da Exposição Internacional de Paris de 1889 que constituiu um marco determinante na sua evolução artística. Entre as peças que figuravam nesta secção incluíam-se algumas das obras de maior aparato que lhe saíram das mãos, várias peças únicas e algumas das suas criações mais arrojadas como: a *Talha Manuelina* (1892/1893) representada por uma ampliação fotográfica do tamanho natural por ter sido considerado de grande melindre a deslocação do original que pertence ao Museu Bordalo Pinheiro; as *Capelas Imperfeitas da Batalha* e pequenas peças em rendilhado gótico, representativas do revivalismo do estilo manuelino; o *Perfumador Árabe* (1896), inspirado em remotas revivências mudejares, com a sua espontânea decoração em verdadeira filigrana de barro, modelado expressamente para ser oferecido ao Con-

selheiro Júlio de Vilhena; o *Centro de Mesa Renascentista*, o *Candelabro dos Cupidos e Sereias* e o *Friso do fogão de sala do Palácio Lambertini* (1903), peças de fina modelação e grande beleza, classificadas pelo próprio artista de «renascentistas»; a imponente *Armação para Relógio* (1902) que pertenceu ao Editor Manuel Gomes, o *Lustre para sala* (1898) dedicado a Justino Guedes, a delicada *Jarra Adriano Coelho* e, em reprodução fotográfica, a mais prestigiada obra cerâmica bordaliana, a *Jarra Beethoven* (1898), entre várias outras, todas revelando influências inspiradas no barroco ou na sua variante «rocaille».

Mais sobre era a representação de peças de inspiração Arte Nova, influência que foi mais expressiva no azulejo. Queremos, no entanto, distinguir entre o grupo de peças representativas da Arte Nova, como as mais belas e mais características ali presentes, a *Taça dos Nenúfares* e *Libélulas* e o *Bule em forma de pato com ramo de açucenas*.

Completo e muito variado era o sector dedicado à Caricatura cerâmica, aspecto que teve em Bordalo um cultor sem concorrência. Além das bilhas, cantis, maringuês, canjirões com decoração escultórica de intenção caricatural, quase sempre peças únicas feitas para homenagear amigos ou agradecer favores, de que destacaremos a *Jarra do dr. Pitta*, a *Garrafa do dr. Feijão*, a *Jarra do dr. Abílio de Mascarenhas*, todas datadas de 1888, feitas expressamente para agradecer aos médicos que o trataram de um antraz de que sofreu em Agosto e Setembro daquele ano; a *Borracha Taborde* (1895), homenageando o grande intérprete de «O Médico à Força»; de Molière; a *Jarra Faldstaff*, homenageando o tenor Maurel, o *Moringue Gonzaga Gomes* (1896), homenageando o seu amigo e colaborador António Luis Gonzaga Gomes, e outras de menor impacto, podia ali apreciar-se uma numerosa e engraçada representação de caricaturas de intenção política e social, sector que além de revelar em toda a extensão o caricaturista, produziu também um barrista de recursos excepcionais. Entre as muitas peças que ali se expunham, haverá a distinguir a *Caixa-Sultão de Zamzibar* (1887), a *Cabeça de Mokololo* (1890), a *Caixa*, o *Cinzeiro*, o *Escarrador* é o *Penico-John Bull*, o grupo escultórico *Prometeu Agrilhado* (1891), todas de crítica à prepotente Inglaterra; as *Garrafas-Gungunhana* (1895) representando o régulo indígena antes e depois da sua prisão por Mousinho de Albuquerque; o *Tinteiro-Juiz Veiga* (1898) satirizando as leis contra a liberdade da imprensa, patrocinadas pelo Juiz de Instrução Criminal, Francisco Maria da Veiga (1852-1934); a *Floreira-O Barriga* de crítica ao capitalismo explorador; os *Paliteiros Visconde de Faria e Marquês*

de Franco (1898), de crítica aos fidalgos de recente data, etc.

Neste sector incluíam-se os grupos de figuras-tipo arrancados ao quotidiano, que Bordalo personificou em caricaturas cheias de graça e humor, algumas datadas da primeira fase como a *Garrafa-Velha Maria*, mas quase todas posteriores a 1895, como a *Garrafa-Archeiro*, a *Garrafa-Arola*, a *Varina-O Viva da Costa* e a interessante colecção de figuras de movimento, representando o *Cura*, o *Sacristão*, a *Ama das Caldas*, a *Elegante*, o *Janota*, o *Policia*, a *Varina*, a *Alcoviteira*, contando-se entre as mais famosas e paradigmáticas, a *Maria da Paciência* e o *Zé Povinho* que também aparecem decorando o *Tinteiro-Zé Povinho* e *Maria da Paciência*, uma *Caixa-Zé Povinho*, um *Apito-Zé Povinho*, um *Cinzeiro-Zé Povinho* e o breiro *Zé Povinho-Ora Toma!*

A esta colecção ligava-se a de figuras miniaturais, tendo nalguas delas Bordalo recriado alguns tipos já anteriormente tratados na aguarela e na cerâmica, como a *Peixeira*, o *Peixeiro*, *Santo António*, *Margarida vai à Fonte*, o *Campino*, a *Tricana*, etc., e ainda obras onde o virtuosismo do barrista foi levado às últimas consequências, como as *Molduras para retrato dedicadas aos actores João e Augusto Rosa* (1902) com cenas teatrais esculpturadas em alto-relevo, e a que dedica à mulher, Dona Elvira Ferreira de Almeida (1903), onde se representa num desalentado frente-a-frente separado por longos e desgastantes 36 anos!

O sector dedicado à Cerâmica Artística terminava com uma série de bustos onde Bordalo se afirmou um escultor de grandes recursos: o *Busto do Pae Paulino* (1893), a *Cabeça de Velha*, a *Cabeça de Jovem Negra* e os bustos de figuras bem conhecidas nas letras e nas artes como o do pai do Artista, *Manuel Maria Bordalo Pinheiro* (1902), de *Tito de Carvalho* (1902), de *Guilherme de Azevedo* (1895), de *Eça de Queiroz* (1901), do *dr. Sousa Martins* (1904), o bonito busto da *actriz Maria Visconti* (1899), o esboceto para o *Monumento dedicado a Victor Hugo* (1902), as *Imagens de Santo António* e da *Virgem de Nuremberga*, e alguns estudos para os grupos destinados às Capelas de Buçaco.

Dos grupos escultóricos para ar livre, destacavam-se os que representam *São Jorge matando o Dragão*, o *Grou* e a *Raposa* e os *Cogumelos*, dispersos por vários pontos da exposição, aproveitando espaços que lhes eram favoráveis.

De acordo com a importância menor que foi dada à Louça Comum ou Utilitária por Rafael Bordalo Pinheiro foi-lhe reservada uma representação significativa, mas mais modesta, sendo dado, no conjunto, destaque às peças pintadas sobre as peças estampadas.



PRATO COM DECORAÇÃO FLORAL

Pô de pedra.

Decoração pintada, policroma, representando ramos de flores sobre dois discos,

um a negro e outro dourado.

Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, s/data. Diâmetro: 258 mm

Museu da Fábrica Bordalo Pinheiro

Maior importância foi atribuída, naturalmente, aos Azulejos, expressão artística que, segundo Joaquim de Vasconcelos, constitui o aspecto mais importante da obra cerâmica de Bordalo Pinheiro, modalidade na qual, na realidade, o Artista não conheceu rivais, nem quanto à qualidade artística, nem quanto ao nível técnico alcançado.

Tendo sido o Azulejo fabricado na Fábrica de Faianças durante toda a sua vivência, em simultâneo com a restante produção da mesma, procurou-se para ele, na exposição, uma apresentação paralela à das outras modalidades, expondo-se ao longo das paredes acompanhando a restante obra, exposta no centro da galeria.

Como aconteceu com as outras modalidades também o Azulejo sofreu uma evolução, havendo na exposição uma muito complexa representação de cada uma delas: azulejos de inspiração naturalista, figurando entre outros, o padrão de *Cabeça de Nabo*, o das *Espigas de*

Trigo e Papoilas, uma linda *Moldura para canto com ramos de vide e cacho de uvas*, em relevo, de lindo colorido metálico sobre fundo branco, que reproduzimos neste texto, e uma série de azulejos soltos, decorados com ramos de frutos em alto-relevo, muito usados para suspensão; um numeroso núcleo de azulejos de inspiração hispano-mourisca que começou a ser produzido desde o início da laboração de Fábrica e que se apresenta sob duas expressões, o de influência mudejar, inspirando-se em padrões de Granada, da Senhora do Pópolo, do Palácio de Sintra, e o de influência renascentista, inspirando-se em padrões do Palácio Bacalhoa em Azeitão; seguia-se um núcleo de azulejos Arte Nova, modalidade que Bordalo só começou a produzir posteriormente a 1890, de que havia, na exposição, uma amostragem muito significativa, certamente a mais completa até hoje conseguida, vendo-se ali painéis de vários padrões, de *Nenúfares*, de *Borboletas*, de *Cabeças de Gato*, de *Gafanhotos*, de *Rãs*, além de alguns exemplares mais raros ou mesmo únicos, como o bonito painel que representa uma *Paisagem com rãs num charco*, *canaviais e ramos floridos* (Cat. 559); os azulejos pintados, figurativos, expressão que Bordalo pouco cultivou, estavam representados por um conjunto de estudos que antecederam a execução dos azulejos encomendados para a Tabacaria Mónico do Rossio e por alguns azulejos

isolados com paisagem quase sempre a azul sobre fundo branco, pertencentes ao Museu Rafael Bordalo Pinheiro.

As amostragens de azulejos que figuravam na exposição provieram quase todas de prédios de Lisboa, onde cobriam grandes superfícies, produzindo efeitos decorativos de sabor orientalente que infelizmente não têm sido convenientemente preservados. Vem a propósito referenciar aqui algumas residências, oficinas e *stands* de Lisboa e arredores que ainda conservam grandes superfícies revestidas com azulejos bordalianos conservados na sua primitiva integração arquitectónica: a residência de Verão da família Roque Gameiro na Venteira (Amadora) com silhar de azulejos de *Cabeça de Nabo* rematados com friso revivalista de inspiração manuelina, imitando um padrão existente no Palácio de Sintra; o Palácio da Pena em Sintra, onde alguns dos padrões da rica decoração azulejar são, com toda a probabilidade, de Bordalo Pinheiro; o Palacete O'Neill (Museu dos Condes Castro Guimaraes), em Cascais, com vários padrões de azulejos de inspiração hispano-mourisca; o Palacete Biester em Sintra, com azulejos de inspiração hispano-mourisca e azulejos Arte Nova de padrão *Nenútar e rãs*; a Padaria «A Panificadora» de Campo de Ourique, com azulejos Arte Nova de *Borboleta* e naturalistas de *Espigas de trigo e papoilas*; a Garagem da Rua de Ponta Delgada, com grandes superfícies revestidas com Azulejos Arte Nova de *Nenútar e rãs* e de inspiração hispano-mourisca, tipo Palácio da Bacalhoa; e, ainda, com decorações mais discretas, a Clínica de Carnaxide, o Palacete Valenças, na Rua do Pau de Bandeira (Lapa), o Palacete Monteiro de Carvalho, na Rua do Marquês de Fronteira, etc.

Com profusa decoração de azulejos de vários tipos, produzindo um efeito algo confuso, apresentavam-se o Pavilhão de Portugal na Exposição Internacional de Paris de 1889 e o Pavilhão de Vendas da Editora de Justino Guedes, cujos projectos da autoria de Rafael Bordalo Pinheiro figuraram na exposição.

Para que toda a produção da Fábrica de Faianças estivesse representada não faltaram amostras de alguns materiais de construção ali fabricados, nomeadamente amostras de telhas com vidro e sem vidro, e de tijolos, ostentando a respectiva marca de fabrico.

Interessante foi o conjunto de moldes de gesso que serviam no fabrico de peças de cerâmica criadas por Rafael Bordalo Pinheiro que foi também possível apresentar por amável cedência da Fábrica Bordalo Pinheiro.

Acompanhava a exposição um catálogo muito ilustrado, com um estudo introdutório sobre «A Cerâmica de Rafael Bordalo Pinheiro».

A «STANDARD ELÉCTRICA»

— UMA PEÇA PRECIOSA E POLÉMICA DA ARQUITECTURA PORTUGUESA NO SÉCULO XX

Vista de frente da Standard Eléctrica (em Lisboa)
Edifício modernista do arquitecto Cottinelli Telmo (1945-1948)
(Fotografia actual)



1 — DESCRIÇÃO DO EDIFÍCIO

O edifício da Standard Eléctrica (1945-1948), está situado em Alcântara-Lisboa, em frente a um dos laterais da Feira Industrial de Lisboa, na Avenida da Índia, n.º 64 e, contorna a Travessa da Galé, n.º 36.

O imóvel compõe-se, essencialmente, de dois corpos diferenciados, embora perfeitamente interligados; com uma fachada total de 37 metros, separados por um torreão de 11 metros, que limita o corpo da direita, mais avançado e, com dois andares largamente envidraçados, destinados a escritórios da empresa. Este corpo, ocupa uma frente de 10 metros; o outro, de utilização inteiramente fabril, com os espaços internos tratados de modo adequado, ocupa 24 metros, com 5 metros de altura, na cornija corrida, que o torreão interrompe. O processo rítmico dos volumes é notavelmente agenciado, com um movimento bem imaginado na sua articulação.

A construção em cimento sem o revestimento, inicialmente proposto, de cantaria, acrescenta o valor estético do material à intenção moderna da traça do edifício, que um murete aberto separa da rua.

Tratando-se de uma estrutura a executar em betão armado, foi adoptado o critério de a dividir em 6 corpos distintos, interiormente separados até à fundação.

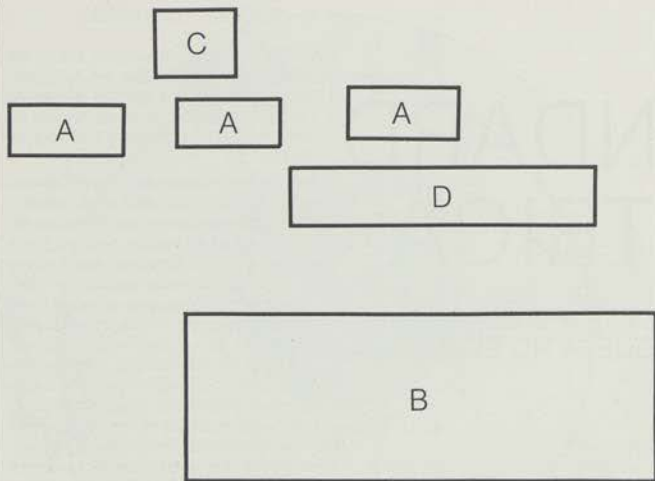
Assim, observam-se: 3 corpos de 18,00 x 18,00 metros em planta, correspondentes à parte do edifício de 2 andares, indicados pela letra A; outro corpo, de 30,00 x 24 metros, em planta, correspondente à parte de 4 andares, indicado pela letra B; ainda outro corpo, que constitui a escada de acesso ao refeitório localizado no 1.º andar, indicado pela letra C, e o último corpo, onde se encontram os sanitários, ascensor do pessoal, monta-cargas, indicado pela letra D.

A estrutura de cada um destes corpos foi executada em betão armado, sendo constituída por pórticos múltiplos de colunas e travessas, sobre as quais assentam as lajes, consideradas contínuas, entre juntas de dilatação.

As fundações foram constituídas por pilares de betão armado, encastradas em sapatas de tipo de 4 consolas, ficando estas encastradas na rocha da fundação.

Houve certas alterações entre o ante-projecto e o projecto consagrado. Desta forma, e embora no ante-projecto figurasse a entrada de serviço (portão) na posição em que existe, os respectivos serviços da Câmara Municipal de Lisboa exigiram, mais tarde, a sua deslocação mais para o norte.

O portão, segundo o projecto definitivo, compõe-se de três partes: uma de 1 metro de largura, para entrada de peões; outra central, de 3,50 m e, ainda



Esquema

outra, fixa, em simetria com a primeira. O acesso do interior do terreno — mais baixo que a rua — faz-se por meio de uma rampa.

A torre do ante-projecto foi reduzida, dado que a sua função era mais decorativa que utilitária.

Exteriormente, observa-se o envasamento, os pilares e pilastras, os coroaamentos do edifício; o guarnecimento de vãos, feitos de pedra artificial, cinzenta, Cavan, e os fundos em «simili» do mesmo fabricante e de cor levemente amarelada.

Os caixilhos dos dois primeiros pavimentos são de betão armado e vidro, constituídos por outros caixilhos móveis de ferro e vidro para ventilação, sendo os dois últimos pavimentos de madeira.

A estrutura do edifício é de betão armado, e fugiu-se, tanto quanto possível, à combinação deste material com a alvenaria vulgar que foi substituída por betão, com excepção feita às pequenas divisórias interiores, onde se utilizou o tijolo.

Havia no ante-projecto, uma coroa de letras que rematava a pequena torre de ângulo, compondo um motivo decorativo, e um pretexto para um efeito de luz durante a noite, que não foi por fim adoptado no projecto final.

(...) «Entre o ante-projecto e o projecto definitivo, houve naturalmente uma diferença; aquela que há entre «uma pri-

meira ideia» e o desenvolvimento dessa ideia, que passa a levar em linha de conta outros factores, de ordem prática, que, mais de perto, se analisam quando se passa do plano do «imaginado» para o plano das «realidades». Considerando-se também os cuidados e estudos para atingir a maior simplicidade, sobriedade e equilíbrio.

Assim, parte do «espectáculo» de ostentação e riqueza que poderiam encontrar-se no ante-projecto, foi reduzido às justas proporções dum edifício que, embora de certa monumentalidade, não devia esconder sob a aparência de «palácio», o fim a que realmente se destinou, nem atingir um custo incompatível com as receitas de quem o paga e constrói e, dele se irá servir para «utilidade» fabril — nem ainda criar um mau ambiente, por contraste, às construções, que ao lado dele venham a fazer-se no futuro.

O arquitecto, autor do projecto, aliás, teve que conciliar o seu critério pessoal com a necessidade dum Standard Eléctrica utilitária e que lhe pareceu muito superior à do ante-projecto, como a seguir afirma o autor... «Por esses elementos, se verá que o edifício patenteia bem a sua estrutura de betão armado e apresenta dentro da sua maior simplicidade, muito mais dignidade, calma e expressão...» Cottinelli Telmo (1);

E, continua: «Uma fábrica é, em princípio, um espaço coberto, interiormente

tão livre quanto possível, de pontos de apoio para poder ser dividido, segundo as necessidades da sua utilização e, essas divisórias de carácter, tanto quanto possível, provisório, de modo a que possam ser deslocadas ou até retiradas ao sabor da constante evolução dos processos e técnicas da indústria...» Cottinelli Telmo (2)

Da análise das plantas, concluir-se-á que este edifício é essencialmente um grande «hall» — de estrutura constituída por pilares, vigas e lajes de betão armado, distribuídos, segundo um módulo único — com um anexo que comporta, além de uma escada com ascensor, instalações sanitárias e, um outro anexo, com escada.

Segundo Cottinelli, que de novo afirma: «A maneira americana, este «hall» será subdividido por divisórias envidraçadas amovíveis, o que permite modificar, em qualquer altura, as dimensões das salas destinadas aos diferentes serviços, à medida que o progresso da indústria — que pode trazer aumento ou diminuição de pessoal, remodelação de processos —, o tornem necessário.» Cottinelli Telmo (3).

E, ainda, indica o arquitecto: «É muito para desejar que o corpo de 4 andares possa ficar no plano marginal do terreno, o que daria um recuo de 8 metros, aproximadamente para o corpo de 2 andares, em relação ao referido plano e segundo o recorte da planta projectada. A razão é a seguinte: a necessidade de criar uma pequena praça interior a nascente da fachada posterior (...).»

E, concluindo: (...) «Supomos que — construído com materiais nobres: cantarias, bons rebocos, baixo-relevo e motivos das colunas de metal (na entrada principal da Avenida da Índia) — este edifício não deixará de impor-se e de dignificar a grande artéria, actualmente ainda com a expressão de vasadouro...» Cottinelli Telmo (1945).

No projecto inicial da Standard Eléctrica foram devidamente incluídos projectos de ampliação das instalações. A ampliação pretendida, compreendia a construção de mais dois pisos em toda a sua extensão. Este facto permitia encerrar uma nova organização do espaço interior, em que as diversas zonas do edifício se encontrassem perfeitamente definidas, não só no que respeita ao aspecto funcional como, inclusivamente, na forma como se traduzia na solução estética.

Assim, no primeiro piso, e, em toda a sua extensão, mantinha-se a distribuição das diferentes zonas, apenas com pequenos ajustamentos indispensáveis ao melhor aproveitamento do espaço disponível.

Sob o ponto de vista estético, a solução apresentada integrou-se perfeitamente no que existia, tendo havido inte-



gralmente as características arquitectónicas imprimidas ao edifício pelo autor do projecto inicial.

2 — ANÁLISE CRÍTICO-ESTILÍSTICA

— A Standard Eléctrica é uma obra ecléctica, singular, projectada por um espírito indomável dos anos 40.

Se fizermos um estudo comparativo do ante-projecto da fábrica e da construção definitiva, podemos observar que artisticamente houve mudanças significativas.

No seu ante-projecto verifica-se uma maior monumentalidade, isto é, um grupo de colunas adossadas na fachada, que foram substituídas mais modestamente, por igual número de pilastras de secção quadrangular, desaparecendo a cornija imponente, igualmente alisada. Seguidamente, o torreão que termina num tambor vidrado, que o «lettering» da firma encimava, manteve a planta quadrangular do corpo inferior. O vão enviaçado deixou de ter secção curva, sendo este aspecto aquele que mais afinidades tinha com o gosto existente nos anos 30, como por exemplo, o Teatro-Cinema «Eden», do arquitecto Cassiano Branco.

O portal definitivo não tem tanto impacto como o anterior, no ante-projecto, onde existia uma massa escultórica a sobrepujá-la.

No entanto, as alterações do ante-projecto trazem à sua construção defini-

tiva uma maior modernidade no desenho do traçado do edifício.

A Standard Eléctrica é assim uma obra arquitectónica elegante e de grande equilíbrio, dadas as suas proporções e a sua frontalidade e, ao mesmo tempo, um edifício fabril.

Poderemos considerar o edifício da Standard Eléctrica, *uma recuperação de uma linguagem espacial e modernista, adulterada por elementos decorativos.*

É um edifício que está, perfeitamente, *enquadrado numa obra moderna.*

A Arquitectura moderna, sendo uma arquitectura de massas, não deve ser uma arquitectura faustosa, e, de facto, a Standard é de uma grande simplicidade e tem mesmo certa austeridade.

Trata-se duma obra lisiponense notável, tardia em relação ao que, entretanto, acontecera do modernismo arquitectónico nacional; com esta obra de Cottinelli, apesar de ter elementos monumentais, mostra claramente a sua versatilidade e o seu talento artístico como arquitecto. Este edifício fabril marca um momento importante na arquitectura nacional, que, em Lisboa, só tem comparação epocal com os Laboratórios Sanitas (do arquitecto Rodrigues Lima, datado de 1947-48).

O arquitecto trouxera para as instalações fabris um programa de boa adaptação modernista, nessa época (anos 40), enquanto se concretizavam obras de estilo mais tradicionalista.

(...) «Pode classificar-se a Standard Eléctrica como um compromisso da si-

Laboratório Sanitas (em Lisboa)
Edifício modernista
do arquitecto Rodrigues Lima
(1947-1948).
(Fotografia actual)

Edifício da Standard Eléctrica
Jóia olisiponense
da arquitectura modernista
do arquitecto Cottinelli Telmo
(1945-1948)
(Fotografia actual)

tuação arquitectónica de meados dos anos 40, tanto quanto, como última possibilidade do "modernismo", da década anterior». (*)

José-Augusto França diz, criticando: «A Standard Eléctrica, já tardiamente, em relação à definição do modernismo racionalista e internacional, está, porém, dentro dum sistema discutido, que preocupava os arquitectos contemporâneos, da primeira e da geração seguinte» e continua: (...) «A Standard Eléctrica termina como, paradoxalmente, um ciclo estilístico — e nisso adquire um valor especial de sùmula...». (*)

3 - O ESQUECIMENTO PROPOSITADO E A FALTA DE SENTIDO CRÍTICO NA ANÁLISE À OBRA STANDARD ELÉCTRICA, JUSTIFICADA PELO PARADOXO

Afirmam os críticos de hoje que existiu uma arquitectura modernista nos anos 30 e que ela terminou inexoravelmente como uma «pseudo-evolução» para uma «arquitectura do Estado Novo».

Contradizendo tal afirmação, constata-se que o edifício da Standard Eléctrica é modernista estilisticamente, foi projectada por Cottinelli Telmo e, depois, construído, entre os anos de 1945-1948.



Admite-se assim que os arquitectos dos anos 30, Cassiano Branco, Cristiano da Silva, Pardal Monteiro, Jorge Segura, Rodrigues Lima, Velloso Reis e Cottinelli Telmo, entre outros, que são os mesmos dos anos 40, puderam continuar a projectar edifícios modernistas, não deixando, contudo, de compreender a necessidade do monumentalismo histórico, até porque para poderem projectar, historicamente, sobretudo, as Epopeias, ter-se-iam que servir de formas que a arquitectura moderna não poderia permitir. Exemplo: como poderíamos dar a ideia histórica da gesta portuguesa, em estilo que não agestasse, por exemplo, figuras como Vasco da Gama, o Infante D. Henrique, onde as expressões e os volumes das figuras, perderiam o realismo e poderiam criar figuras caricatas e situações inestéticas, inadequadas à História, onde eram precisos os retratos fiéis das figuras.

De outra forma, numa análise feita à Arquitectura dos anos 40, verifica-se que tais arquitectos fizeram edifícios de estilo modernista e, conjuntamente, de estilo monumentalista, retomando o modernismo mais tarde.

Actualmente, os críticos evidenciam, acentuadamente, que o estilo modernista foi totalmente interrompido, para dar existência ao estilo imposto pelo Estado Novo, a partir dos anos 40. O que não me parece verdade, em face da Standard Eléctrica, que *consideram excepção pontual*.

Diz assim um crítico: (...) «Mas, apesar de todas estas obras e de um certo abrandamento de produção dos arquitectos da geração anterior, alguns dos quais, como Cottinelli Telmo, produzem então edifícios, perfeitamente enquadrados nestas obras modernas, como o da Standard Eléctrica, em Lisboa, mantém-se a intenção oficial de condicionar as novas obras num espírito *censor* particularmente evidente em Lisboa e Porto...» José Manuel Pedreira. (°)

Outro afirma: (...) «Como são os mesmos arquitectos que vão praticar sucessivamente os modelos modernistas e do *fascismo*, e eles se formaram numa situação de ruptura cultural com o academismo, sente-se no seu modo de projectar (...) a recuperação de uma linguagem espacial e formal modernista, *adulterada* por elementos decorativos...» Nuno Teotónio Pereira. (°)

Quando existe uma excepção a uma regra, deixa de constituir um exemplo completo, total e categórico de uma base de estudo. Há quem aceite que uma excepção não confirma nem anula uma regra, mas em termos de estudo arquitectónico, não nos parece correcto aceitá-la nestes termos. Ou, *existe rigor, para classificar, ou não existe classificação e muito menos paradoxo*.

Mais do que isto, *não existe* só uma excepção, *existem mais excepções*, se considerarmos os edifícios da fábrica de conservas do Algarve Exportador, em Matosinhos, obra de António Varela, cerca de 1939, edifício igualmente de estilo modernista; o *Laboratório Sanitas do arquitecto Rodrigues Lima* (1947-48), e, finalmente o *ante-projecto da Fábrica Barros de Cottinelli Telmo, datado de 1947-48*, esta obra fabril, localizada em Lisboa, na Avenida Infante D. Henrique, n.º 331, 331-A, fazendo esquina com a Avenida de Pádua, n.º 7, 7-A e 7-B; o projecto definitivo é da autoria do arquitecto António Velloso Reis Camelo (1949-53). Da mesma forma, a existência destes projectos opõem-se, objectivamente, também, à afirmação do professor José-Augusto França, de que a Standard Eléctrica seria então «a última possibilidade» de Cottinelli Telmo e outros arquitectos fazerem Modernismo em pleno Estado Novo.

Assim, noutro aspecto, constata-se a existência de asserções responsáveis, feitas por Arquitectos em 1948, nomeadamente Arménio Losa, no I Congresso de Arquitectura, hoje considerado o vanguardista na Arquitectura da época, quando *afinal Cottinelli Telmo, com obra fabril realizada, já estava na vanguarda dos considerados vanguardistas*.

Vem a propósito referir os conceitos sobre a Arquitectura Fabril, oriundos do Ascoral, «Les trois établissements humains», em que o arquitecto Arménio Losa apresentou uma dissertação intitulada «A Arquitectura e as Novas Fábricas» (pp. 127-135), onde referia uma linha para a inclusão do arquitecto como elemento indispensável a uma equipa construtora de complexos industriais, argumentando da seguinte forma:

(...)«A Sociedade moderna, legatária das máquinas introduzidas de facto, nos últimos cem anos, na existência humana, entra numa civilização que não é nem pastoral, nem guerreira, mas devotada ao trabalho. O trabalho apoderou-se de toda a engrenagem social e ninguém escapa à fatalidade de ser parte dela... A sua intervenção (do arquitecto) será útil em todos os domínios da construção, em todas as pequenas e grandes realizações. E será indispensável na construção da fábrica ou da oficina...»

Mais adiante, o arquitecto Arménio Losa, aponta a necessidade de uma transformação na concepção dos locais de trabalho, sobretudo na fábrica e na oficina: (...) «O papel do arquitecto será, neste importante campo, o de criar as condições de trabalho mais favoráveis dentro dos recursos novos que possui ao serviço: transformar o trabalho em satisfação; fornecer aos homens que produzem as instalações que dignificarão o seu trabalho; criar o ambiente que forne-

cerá as condições indispensáveis ao pleno rendimento das capacidades humanas...»

Ainda, dentro do mesmo espírito de mensagem, refere-se ao alheamento em que tem vivido o arquitecto sobre os problemas sociais do trabalhador, afirmando: (...) «São em primeiro lugar o alheamento em que tem vivido o arquitecto relativamente à maioria dos problemas quotidianos: o arquitecto orienta-se de preferência para as realizações de mais propícia expressão artística, aquelas em que poderá com mais facilidade agir sozinho, independente...»

Cottinelli Telmo, com duas obras realizadas no campo fabril, antecipou-se em muito, a estas chamadas concepções inovadoras, na arquitectura portuguesa, numa época, de momento, considerada controversa.

Não me parece correcto dividir de uma maneira clara a Arquitectura Moderna e a Arquitectura Monumental, pois, porque o Estado Novo vai precisamente recuperar algumas das características (e não todas) da Arquitectura Modernista, e só aquelas que poderiam enriquecer um certo monumentalismo das obras do Estado. O que será talvez necessário e importante saber quais as características recuperadas.

Para isso, seria necessário fazer uma monografia da totalidade dos arquitectos que fizeram parte do Modernismo inseridas no Estado Novo e, estudando-as de perto (com uma certa profundidade), verifica-se que alguns pormenores dessa Arquitectura inspiram-se, exactamente, na Arquitectura anterior.

Cottinelli Telmo é um dos arquitectos, em que é perceptível essa recuperação da Arquitectura Modernista na época do Estado Novo — exemplo flagrante dessa recuperação é o caso da obra fabril, a Standard Eléctrica.

A Arquitectura monumental recupera por um lado, um aspecto nacionalista, tipicamente português, isto é, tenta «dar a volta» a certos edifícios feitos pelos Arquitectos Modernistas. Para tornar os edifícios mais portugueses, recupera também aspectos da Arquitectura Modernista, já existentes em Portugal. A este propósito, dizia então, o Chefe do Executivo desse tempo:

(...)«Seria porém lamentável que não legássemos, não digo orgulhosamente um *estilo*, mas uma *maneira bem portuguesa* e bem actual, isto é, que através do imenso volume de obras (artísticas) que realizámos não ficasse bem vincado, contrastando com a ameaça materialista, o *cuinho dum época* e *duma geração* de sacrifício e trabalho intenso, impregnada de *nacionalismo*, de *solidariedade humana* e de *espiritualidade*...» (°)

Simplistamente, como nos podem fazer crer alguns analistas da obra arqui-



tectónica, não podemos constatar a existência clara duma «Arquitectura do Estado Novo», porque não está definida e que o conceito de «Modernismo» será somente sinónimo de progresso, de dinamismo e de novidade.

Ao analisarmos a chamada «Arquitectura do Estado Novo», não vamos encontrar, com certeza «Estado Novo» em Arquitectura, porque não se trata de uma corrente arquitectónica, mas sim, trata-se de uma simbiose entre Monumentalismo, Estilo Neo-Românico, Estilo Neo-Joanino, Historicismo, Nacionalismo (Revivalismo) e até Modernismo, conforme transparece, objectivamente, do conteúdo da argumentação do arquitecto José Manuel Fernandes (*), que se esforça por justificar a Arquitectura «Modernista em Portugal», nos anos 30, afirmando que ela tem características próprias, indo buscar a outras correntes artísticas essa justificação.

A chamada «Arquitectura do Estado Novo» só a podemos admitir na perspectiva seguinte — os edifícios realizados nos anos 40.

No entanto, esse conjunto de edifícios constituem uma simbiose de correntes arquitectónicas e, desta forma, não há definição de «Arquitectura do Estado Novo». Tal fenómeno se passa também com a Corrente Modernista, que procura uma linguagem arquitectónica, mas que só a encontrará indo buscar formas ao passado. A sentença — *de o que é as-*

sentá no que foi —, toma grande evidência em toda a Arquitectura.

Assim, na Standard Eléctrica, sob o aspecto mais técnico, vamos encontrar características nitidamente modernistas, nomeadamente: — a utilização do betão armado; uma certa recusa aos elementos decorativos substituídos por formas puras como os paralelepípedos; «o estilo caixote» funcional; a linearidade das formas que cria no conjunto geral, uma verticalidade acentuada no edifício, aos olhos de quem a observa do exterior, elementos decorativos na porta principal, e as modificações introduzidas no projecto definitivo.

Não posso compreender como a Standard Eléctrica é considerada um paradoxo a fechar um ciclo estilístico. E, muito menos, que a seguir se afirme, que adquire assim um valor de sùmula. *Ora, o que é verdade é que se fizeram balizas erradas ao ciclo do Modernismo em Portugal, esquecendo a Standard Eléctrica, que desta forma marca um ciclo mais alargado, já dentro do período, a que se chama «Arquitectura do Estado Novo». A razão deste facto deve ser encontrada numa despropositada atitude política, esquecendo-se o rigor histórico-estilístico.*

Com esta obra simbólica, Cottinelli Telmo revela-se como alguém que não se subordinou inteiramente à arquitectura monumentalista da época, apresentando-se assim um esteta extremamente

complexo e evoluído, na medida em que se observa nesta obra, ainda com fortes reminiscências da sua formação anterior, um passo contra a estagnação. Motivo pelo qual podemos considerá-lo comprometido, mas nunca «enfeudado» a uma «Arquitectura do Estado Novo» e até um progressista. Assim, nesta óptica, há dificuldade em considerar Cottinelli como uma figura essencialmente carismática, no sentido político da acção profissional de arquitecto, como por exemplo, o engenheiro Duarte Pacheco; contudo, sem dúvida, Cottinelli Telmo tornou-se um artista adaptativo às formas monumentais duma «arquitectura chamada do Estado Novo», sem hesitação.

A Standard Eléctrica, inserida num contexto global do trabalho do arquitecto Cottinelli Telmo, pode definir-se, por um lado, como uma síntese do seu trabalho feito anteriormente, e, por outro lado, será a sua obra singular de artista, e, nisto reside o seu ecletismo arquitectónico.

O arquitecto Victor Consiglieri⁽¹⁾, disse sobre a Standard Eléctrica: (...) «Ultrapassando a sua mistificação ideológica, podemos, nos anos 40, considerar (...) a Standard Eléctrica, que apesar das suas afinidades de textura e formas com o classicismo alemão, é de todas as obras arquitectónicas a mais elegante e de maior equilíbrio pelas suas proporções e frontalidade...»

Confusamente, e para justificar uma escondida atitude de ataque despropósito a Cottinelli Telmo, o Professor José-Augusto França argumenta sobre a obra do artista: (...) «uma reacção ao estilo oficial — a que o próprio Cottinelli visivelmente desobedecia nesta obra (Standard), que marca, historicamente, um momento importante na Arquitectura Nacional...»⁽²⁾ e, habilidosamente, continua sem poder fugir à expressão livre de Cottinelli, na feita desta obra: (...) «já para além do retrocesso modernista, importa considerar uma obra que a versatilidade e o melhor talento de Cottinelli quiseram ainda moderna, apesar dos típicos monumentais: as instalações fabris da Standard Eléctrica...»⁽³⁾

É latente o desejo do professor França evidenciar uma luta contra o Estado Novo, no sentido político, porém, o que é imperdoável é que ataque ferozmente um artista que pela sua magnitude soube na época em que viveu impor uma expressão livre, que pelos vistos foi tolerada pela chamada censura oficial.

A Standard Eléctrica tornou-se justamente uma obra de extraordinário interesse e, como é óbvio, centro da atenção de entidades responsáveis pela Cultura. Assim, em 1982, deu origem a um Protocolo, assinado pelos Ministério do Trabalho, Indústria, Energia e Exportação, Cultura e Coordenação Científica; Câmara Municipal de Lisboa e Associação Indus-

trial Portuguesa, que a desejavam transformar num Centro Cultural.

O dr. Lucas Pires (ex-Ministro da Cultura) lembrou, em alocução solene, que tal acto se inseria no Renascimento Cultural do Tejo e de Lisboa, dado que a obra — Standard Eléctrica — representava um documento importante da História da Arquitectura e que foi recentemente classificado como imóvel de interesse público. O edifício da Standard Eléctrica, segundo o ex-Ministro da Cultura, deveria tornar-se num «Padrão» de uma nova época de criatividade. E ainda acrescentava: (...) «não haverá modernidade industrial sem modernidade cultural e artística. A arte é uma vida de qualidade, personalidade e produtividade de que estamos carecidos...» Mais adiante, dizia: (...) «o património não pode ser uma natureza-morta, mas tem de ser uma cultura redescoberta, reinvestida de criação viva...». Defendeu, por fim, o dr. Lucas Pires, referindo-se ao texto do Protocolo: (...) «foi criado um grupo de trabalho, cujo apoio logístico e coordenação será assegurado pelo Ministério da Cultura, constituído por um representante de cada uma das partes e cinco personalidades de reconhecido mérito, a quem competirá propor as medidas indispensáveis à rápida concretização e desenvolvimento dos objectivos propostos...»

A Standard Eléctrica esteve durante alguns anos abandonada e, em estado de acentuada degradação, até que a sua recuperação mereceu a atenção de várias entidades, especialmente do actual Presidente da Câmara Municipal de Lisboa, eng.º Nuno Krus Abecasis, que através da Edilidade que dirige, conseguiu, por fim, adquiri-la por permuta, para que a Câmara ali realize uma verdadeira obra cultural lisiponense.

Termo assim este estudo da Stan-

dard Eléctrica, jóia do Modernismo em Portugal, que culmina uma viagem de cultura junto à margem do Tejo, onde ainda se encontram algumas obras Olisiponenses a merecer também um estudo atento.

Cito, de novo, as palavras muito pertinentes de um dos mais contestados promotores de Cultura em Portugal: (...) «Os Portugueses têm que começar a fazer a descoberta de Portugal. Que não se olhe o Espírito como uma fantasia, como uma ideia vaga, imponderável, mas como uma ideia definida, concreta, como uma presença necessária, como uma arma indispensável para o nosso Ressurgimento...»⁽⁴⁾

(1) Memória Descritiva e Justificativa do Projecto das Novas Instalações da Standard Eléctrica, 7.6.1945.

(2) Memória da Standard Eléctrica, alterações ao projecto aprovado, 11.12.1947.

(3) Ante-projecto da Memória Descritiva e Justificativa.

(4) Catálogo da Exposição «Os Anos 40 na Arte Portuguesa», Fundação Calouste Gulbenkian, 1981, I volume, pp. 136 a 137.

(5) In jornal «Diário de Lisboa», intitulado «Uma fábrica a recuperar», 18.6.1977, p. 3.

(6) In «Jornal das Letras e Artes», intitulado, «Uma Década de Arquitectura», n.º 33, 25.5. a 7.6. 1982, p. 10.

(7) E pelo Arq. José Manuel Fernandes, in Revista «Arquitectura», intitulado «A Arquitectura do Fascismo em Portugal», Ano III, 4.ª série, n.º 142, Julho 1981, pp. 44-45.

(8) Professor Doutor António de Oliveira Salazar, 1948.

(9) In Revista «Arquitectura», artigo intitulado «Para o Estudo da Arquitectura Modernista em Portugal», Ano I, n.º 132, Março de 1979, pp. 54-65.

(10) In Jornal da Associação dos Arquitectos Portugueses, n.º 10/11, Out. 1982.

(11) Catálogo da Exposição «Os Anos 40 na Arte Portuguesa», p. 136.

(12) «A Arte em Portugal no Século XX», Liv. Bertrand, Lisboa, 1974, p. 244.

(13) António Ferro, 1940.

Vista lateral da Standard Eléctrica (em Lisboa)
Edifício modernista do arquitecto Cottinelli Telmo (1945-1948)
(Fotografia actual)





Salão Nobre dos Paços do Concelho – 9 de Outubro

A Comissão de Gestão do Ar de Lisboa reúne-se após a sua tomada de posse. No uso da palavra o Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis

COMISSÃO DE GESTÃO DO AR DE LISBOA

Tomou posse no dia 9 de Outubro, nos Paços do Concelho, a Comissão de Gestão do Ar de Lisboa. Ao acto estiveram presentes o Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis e o Secretário de Estado do Ambiente, Prof. Eduardo Oliveira Fernandes.

Esta Comissão, de que fazem parte representantes da Câmara de Lisboa, Ministérios da Saúde, Equipamento Social, Indústria e Energia, Antral, Carris e CAIPA/AIP, tem por objectivos a inventariação das emissões de poluentes de natureza industrial e o estabelecimento de um sistema de vigilância constante da qualidade do ar.

A Câmara mantém instalados, desde 1980, postos fixos de medida da qualidade do ar na Rua do Carmo, Rua Augusta, Cemitério do Alto de S. João, Universidade Católica, Av. Rovisco Pais e Alcântara (Escola Fonseca Benevides).

Dos valores obtidos, através de verificação diária, pode concluir-se que o perfil de poluição no ar não tem sofrido significativas alterações, tendo-se verificado uma acentuada descida nas concentrações de fumos negros e dióxido de carbono, o que permite admitir estarmos próximos dos limites máximos preconizados pela Organização Mundial de Saúde.

**ASSOCIAÇÃO TURÍSTICA
INTERMUNICIPAL INSTITUI
PRÊMIO DE MÚSICA**

A Associação Turística Intermunicipal de Cascais, Oeiras, Mafra, Sintra e Lisboa, em reunião realizada no dia 24 de Outubro, no Palácio da Mitra, deliberou instituir um Prémio de Música, no montante de 300 contos, como forma de comemorar o Ano Europeu da Música.

A obra premiada, com base em poema português alusivo ao mar, terá a sua estreia em 1986, sendo o concurso aberto a autores nacionais e estrangeiros.

Para a concretização desta iniciativa, a Associação vai solicitar apoios a diversas entidades, nomeadamente Ministério da Cultura, Conselho da Europa e Junta de Turismo da Costa do Estoril.



Palácio da Mitra – 24 de Outubro
Aspecto da sessão de trabalho da Associação Turística Intermunicipal de Cascais, Oeiras, Mafra, Sintra e Lisboa.
Os trabalhos foram orientados pelo Comandante Pinto Machado, Vereador do Pelouro da Cultura e Turismo da C.M.L.



Paços do Concelho – 25 de Outubro
O Presidente da Câmara,
Eng.º Nuno Abecasis,
recebe, em visita de cumprimentos,
o Embaixador da Albânia,
Sr. Maxhun Peka

VIII CENTENÁRIO DA MORTE DE D. AFONSO HENRIQUES

Por ocasião do VIII centenário da morte de D. Afonso Henriques, a Região Militar de Lisboa, com a colaboração da Câmara Municipal de Lisboa e da Associação Portuguesa dos Amigos dos Castelos, levou a efeito no dia 25 de Outubro, no Castelo de S. Jorge, várias cerimónias comemorativas da tomada de Lisboa. Ao acto estiveram presentes o Presidente da Câmara, Governador Militar de Lisboa, Vice-Chefe do Estado-Maior e Presidente da APAC.

Unidades da Região Militar de Lisboa fizeram a ocupação simbólica do Castelo, após o que foi depositada uma coroa de flores junto da estátua de D. Afonso Henriques e celebrada missa campal por S. Ex.ª Rev.ª D. Albino Cleto, Bispo Auxiliar do Patriarcado de Lisboa.

Durante a tarde actuaram o Orfeão da CML, Banda do RIQ e o coro do Sporting Clube de Portugal.

Castelo de S. Jorge – 25 de Outubro
Um aspecto das cerimónias comemorativas da tomada de Lisboa



CONTRATO DE ASSISTÊNCIA TÉCNICA PARA A RECUPERAÇÃO DE ALFAMA E MOURARIA

A Câmara Municipal de Lisboa e Secretaria de Estado da Habitação e Urbanismo assinaram, em Outubro, um contrato de assistência técnica a prestar pela Direcção-Geral do Planeamento Urbano às obras de recuperação urbana dos bairros de Alfama e Mouraria.

O contrato ora assinado surge após a aceitação da candidatura efectuada no âmbito do Programa de Recuperação de Imóveis Degradados (PRID), que a Câmara de Lisboa apresentou àquela Secretaria de Estado para a reabilitação urbana de áreas degradadas de interesse histórico, arqueológico, arquitectónico e urbanístico do bairro de Alfama, freguesias de S. Miguel e St.º Estêvão, e do bairro da Mouraria, freguesias de S. Cristóvão, S. Lourenço e Socorro.

Este contrato prevê a constituição, na dependência da CML, de dois Gabinetes Técnicos locais compostos por cerca de 20 técnicos cada (geólogos, arquitectos, engenheiros, economistas, sociólogos, topógrafos, desenhadores, etc.), que garantirão a elaboração e acompanhamento dos projectos, direcção de obras, gestão financeira e o apoio social adequados à dimensão e características das operações a realizar.

Recorde-se que, nos projectos de recuperação dos bairros de Alfama e Mouraria, entregues no passado dia 8 de Agosto pelo Presidente da Câmara ao Secretário de Estado da Habitação, estão envolvidos estudos e projectos, demolições, infra-estruturas e a construção e reparação de edifícios, cujos custos, a repartir por três anos, ascendem a cerca de um milhão de contos, prevendo-se que os bairros sejam declarados «área crítica», por forma a que se criem os instrumentos jurídicos necessários às expropriações a efectuar, por necessidade de demolições ou arranjo da zona.



Preservar os valores históricos, arquitectónicos e urbanísticos dos bairros de Alfama e Mouraria constitui o objectivo fundamental do contrato ora assinado

EXPOSIÇÃO DE FAIANÇAS DE RAFAEL BORDALO PINHEIRO

Uma exposição de «Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro», até hoje a mais completa mostra realizada sobre a obra cerâmica do autor, foi inaugurada no dia 31 de Outubro, no Palácio Galveias. Ao acto esteve presente o Vereador do Pelouro da Cultura, Comandante Pinto Machado.

Nesta exposição figuram grande parte das obras iniciais do talentoso artista e uma importante mostra de azulejos bordalianos, propriedade da CML, num total de 600 peças.

Pretendeu-se desta forma assinalar o centenário da fundação da Fábrica de Faianças das Caldas da Rainha, tão intimamente ligada à obra de Rafael Bordalo Pinheiro, prestando-se assim justa homenagem ao grande artista.



Palácio Galveias – 31 de Outubro

Aspecto da inauguração
da Exposição de «Faianças de Rafael Bordalo Pinheiro».

Na foto o Vereador do Pelouro da Cultura e Turismo,
Comandante Pinto Machado,
e a Dr.ª Irisalva Moita, Conservadora Chefe dos Museus Municipais

Colégio Militar – 6 de Novembro

O Presidente da Câmara entrega a medalha de honra da Cidade ao Director do Colégio Militar, por ocasião do 182.º Aniversário da Fundação desta Instituição.



CÂMARA CONDECOROU COLÉGIO MILITAR

Por ocasião da passagem do 182.º aniversário da fundação do Colégio Militar, a Câmara de Lisboa distinguiu aquela instituição com a Medalha de Honra da Cidade, em cerimónia realizada no dia 6 de Novembro. Ao acto estiveram presentes o Eng. Nuno Abecasis e Vereadores, o Director do Colégio Militar, o Chefe do Estado-Maior do Exército e o Governador Militar de Lisboa, entre outras individualidades.

A deliberação sobre a outorga deste galardão municipal ao Colégio Militar foi tomada por unanimidade em sessão da Câmara, sob proposta do Vereador do Pelouro da Cultura, Comandante Pinto Machado, e para ela contribuiu o facto de o Colégio Militar ser uma instituição de Lisboa altamente prestigiada ao promover a formação, ao longo da sua existência, de grandes figuras nacionais.

Com esta deliberação, a Câmara de Lisboa reconhece publicamente os relevantes serviços prestados pelo Colégio Militar, não só à cidade como ao País.

CÂMARA RECUPERA BAIRRO DA CRUZ VERMELHA



Bairro da Cruz Vermelha
- 7 de Novembro

Na foto o Eng.º Nuno Abecasis
e Vereadores
no decurso da visita
ao Bairro da Cruz Vermelha

Quarenta casas de um grupo de 140 que estão a ser recuperadas pela Câmara, no Bairro da Cruz Vermelha, ao Lumiar, foram entregues a outras tantas famílias, no dia 7 de Novembro, em cerimónia realizada no local e que contou com a presença do Eng. Nuno Abecasis.

Os 140 fogos do Bairro da Cruz Vermelha foram ocupados ilegalmente na fase de construção, em 1975, por dezenas de famílias que, apesar de instadas a abandonar o local, ali têm vivido sem o mínimo de condições de habitabilidade, uma vez que os fogos ocupados não dispunham de instalações sanitárias, água, luz, portas e mesmo paredes.

Para a conclusão das obras a Câmara vai agora dispendir aproximadamente 70 mil contos, quando o valor da empreitada se situava em 1973 em cerca de 19 mil contos.



O Eng.º Nuno Abecasis
procede à entrega das chaves de
um dos fogos já recuperados



Largo do Corpo Santo – 8 de Novembro
Aspecto da visita
à Central de Comando de Tráfego

INAUGURAÇÃO DO SISTEMA «GERTRUDE»

Após quatro meses de funcionamento em regime experimental na zona da Baixa, o sistema GERTRUDE (Gestão Electrónica de Regulação do Tráfego Rodoviário

Urbano Desafiando Engarrafamentos) foi oficialmente inaugurado no dia 8 de Novembro, na central de comando do Largo do Corpo Santo. Ao acto estiveram presentes o Eng. Nuno Abecasis e Vereadores e uma delegação da Comunidade Urbana de Bordéus, chefiada por Jacques Boissieras, vice-presidente de Gertrude-Saem, em representação de Jacques Chaban-Delmas, presidente da Câmara de Bordéus.

O sistema GERTRUDE foi criado e desenvolvido pelo Município de Bordéus com quem a Câmara viria, posteriormente, a estabelecer contactos com vista à sua instalação em Lisboa. A implantação do sistema representou um investimento global de 120 mil contos, no que respeita à primeira fase que abrange já a zona compreendida entre a Rua das Pretas, Cais do Sodré e Campo das Cebolas. O seu alargamento à zona do Marquês de Pombal irá processar-se a curto prazo, encontrando-se já adjudicada a obra.

Este sistema permite controlar o tráfego geral, os transportes públicos através do estabelecimento de prioridade, os veículos de bombeiros em itinerários estabelecidos, onde têm prioridade absoluta, e ainda a poluição.

A sua introdução na zona da Baixa proporcionou já um aumento da velocidade média dos transportes públicos, de 6 km/hora, para 15 km/hora, e da velocidade de atravessamento que passou de 11,5 km/hora para 36 km/hora.

ENTREGA DE PRÊMIOS DO V FESTIVAL DE TEATRO AMADOR

Decorreu no Teatro Municipal Maria Matos, no dia 8 de Novembro, a cerimónia da entrega de prémios do V Festival de Teatro Amador, uma iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa.

Na ocasião foi representada a peça vencedora do certame, «A Bisbilhoteira», de Eduardo Schwalbach, pelo Grupo Cénico da Associação dos Bombeiros Voluntários de Cascais.

Teatro Maria Matos – 8 de Novembro
O Vereador do Pelouro da Cultura, Comandante Pinto Machado, faz entrega dos prémios relativos ao V Festival de Teatro Amador





Paços do Concelho
- 13 de Novembro

O Presidente da Câmara
é obsequiado com a Bandeira
da Cidade de Malaca

DELEGAÇÃO DE MALACA VISITA LISBOA

No âmbito do acordo entre Lisboa e Malaca, celebrado em 1984, o Ministro Chefe desta última cidade e respectiva delegação visitaram Lisboa de 12 a 15 de Novembro. Na ocasião, o ilustre visitante foi agraciado com a Chave de Honra da Cidade, em cerimónia realizada nos Paços do Concelho e a que presidiu o Eng. Nuno Abecasis.

No decurso da visita a delegação de Malaca efectuou visitas de trabalho a vários serviços municipais e realizou ainda encontros com entidades ligadas a actividades económicas, Agentes de Viagens, Turismo e Hoteleiros.

Na sequência dos contactos e reuniões de trabalho havidos, foi criada a

Associação de Amizade Lisboa-Malaca. Esta Associação servirá no futuro como elo de ligação, para todos os contactos e acordos, entre as entidades comerciais e industriais de Portugal e Malaca, o que poderá proporcionar a penetração de produtos portugueses nos mercados do Sudoeste Asiático. A médio prazo, o desenvolvimento natural desta Associação será a sua transformação numa Câmara de Comércio Luso-Malásia.

O acordo de gemação existente entre Lisboa e Malaca tem em vista a consolidação e desenvolvimento de laços de amizade entre as duas cidades, numa perspectiva alargada da cooperação no âmbito da cultura e das relações económicas entre os dois povos, cuja história se encontrou há quatro séculos, aquando do início da presença portuguesa no Extremo Oriente.



Pormenor da visita de trabalho
que o Eng.º Nuno Abecasis
e o Ministro Chefe de Malaca
efectuaram às futuras instalações
do Mercado do Bairro Santos

CÂMARA DECLARA «GUERRA AOS RATOS»

Uma intensa campanha de desratização em toda a área geográfica do Município foi lançada pela Câmara, em finais de Novembro, no âmbito da defesa da saúde pública e promoção da qualidade de vida dos habitantes de Lisboa. Os objectivos da campanha, sua programação e cuidados a observar pela população, foram alguns dos temas abordados em conferência de imprensa realizada no dia 21 de Novembro, nos Paços do Concelho, a que presidiu o Eng. Nuno Abecasis.

Esta iniciativa, de extrema utilidade para a saúde pública da população, foi cuidadosamente preparada pela Câmara e surge na sequência da contentorização hermética dos lixos, do plano de organização cemiterial, do concurso para a construção da Estação de Tratamento de Esgotos e da desratização de zonas degradadas levada a efeito em 1982.

Os trabalhos, que se iniciaram na última semana de Novembro, terão uma duração aproximada de um ano e envolvem um investimento global de cerca de 70 mil contos.

As operações a realizar, com métodos aconselhados pela Organização Mundial de Saúde para a desratização urbana, nomeadamente através da aplicação de iscos rodenticidas anticoagulantes, desdobram-se intensivamente em réplicas e acções de conservação, pelas quais se atingirá o objectivo principal de controlar por completo a infestação murina na cidade de Lisboa que, sem medidas deste tipo, atingiria níveis insustentáveis.

Cada operação de desratização é composta de uma série de duas ou três visitas consecutivas durante as quais brigadas de operadores procederão à colo-

Brigadas de Operadores procedem à colocação de iscos rodenticidas essencialmente nas zonas degradadas da cidade



Paços do Concelho - 21 de Novembro
Aspecto da Conferência de Imprensa destinada à divulgação dos objectivos e programação da campanha da desratização da cidade. Presentes ao acto o Eng.º Nuno Abecasis e os Vereadores Ana Sara Brito, Pedro Feist e Livio Borges

cação e reposição de iscos nos locais adequados, devidamente seleccionados, em caixas rateiras identificadas ou em esconderijos naturais.

Calcula-se que exista hoje em Lisboa uma média de quatro ratos por habitante, sendo esta população responsável pela transmissão de várias doenças e eclosão de epidemias. A campanha ora iniciada visa exterminar três espécies de ratos que infestam a área geográfica do Município: o rato norvégico ou ratazana, o rato preto ou rato dos navios, que sobretudo, infesta as zonas portuárias e o ratinho doméstico.

Os ratos representam a mais persistente e lesiva praga para o homem desde os alvares da História. Apesar da convivência de milénios com o homem, o rato

sempre se tem mantido selvagem e fonte de inúmeros prejuízos, nomeadamente a contaminação de toda a espécie de produtos armazenados e veículo de transmissões de diversas doenças.

Por se tratar de um animal extremamente prolífero, podendo um casal de ratos originar uma ninhada de 22 filhos em cada gravidez, ao fim de uma gestação de cerca de 20 dias, aptos a reproduzirem-se ao fim de poucas semanas (6 a 8), compreende-se as dificuldades que o seu controlo levanta e a necessidade de a luta química ser acompanhada pela sensibilização dos munícipes.



Diversas acções de sensibilização dos Municípios foram realizadas por toda a cidade, nomeadamente quanto aos cuidados a ter no decorrer da campanha



**PRÉSIDENTE DE S. TOMÉ
E PRÍNCIPE
VISITA A CÂMARA**

O Presidente da República de S. Tomé e Príncipe, Dr. Manuel Pinto da Costa, foi recebido em visita de cumprimentos, no dia 22 de Novembro.

No decurso da cerimónia, que decorreu no Salão Nobre dos Paços do Concelho, o Presidente da Câmara, Eng. Nuno Abecasis, galardoou o ilustre visitante com a Chave de Honra da Cidade.

**CRIAÇÃO DO SERVIÇO
MUNICIPAL
DE PROTECÇÃO CIVIL**

A Assembleia Municipal de Lisboa na sua reunião de 28 de Novembro, deliberou, sob proposta da Câmara, criar o Serviço Municipal de Protecção Civil

com o objectivo de dar apoio às operações de socorro a populações atingidas por situações decorrentes de catástrofes, derrocadas, ruínas, incêndios, etc.,

Este Serviço promoverá o realojamento provisório da população atingida em Centros de Emergência e subsequente reintegração social das famílias já realojadas em fogos definitivos.

A criação deste serviço vem na sequência do preceituado no Dec.-Lei 100/84 de 29 de Março, ao prever que «a protecção civil» constitui uma das atribuições das autarquias locais.

ENTREGA DE PRÉMIOS MUNICIPAIS

Realizou-se no Salão Nobre dos Paços do Concelho, no dia 28 de Novembro, a cerimónia de entrega dos Prémios Valmor e Municipal de Arquitectura (1983), Júlio Castilho (1984), Júlio César Machado (1985) e literário «Município de Lisboa» (1984). No decurso da cerimónia, a que presidiu o Eng. Nuno Abecassis, foram ainda entregues Medalhas de Mérito Municipal de Prata a funcionários do Município, aos Parodiantes de Lisboa, a César de Oliveira e à Sociedade Musical 3 de Agosto de 1885.

O Prémio Valmor e Municipal de Arquitectura (1983) foi atribuído, respectivamente, a Fernando Martins, proprietário dos edifícios construídos nos lotes cinco, seis, sete e oito do Complexo Residencial da Quinta das Olaias e ao Arqt.º Tomás Taveira, pelo projecto dos mesmos edifícios.

Com o Prémio Municipal Júlio Castilho (1984) foi agraciado o Dr. Manuel H. Côte-Real pela sua obra «O Palácio das Necessidades», publicada em 1983.

O Prémio Municipal Júlio César Machado (1985) foi atribuído *ex-aequo* a Orlando Raimundo, pelo seu artigo «Feira da Vida em Entrecampos», publicado no suplemento do «Diário Popular» de 10 de Agosto de 1984 e a Eduardo Guerra Carneiro pelo seu artigo «Balada do Alto do Longo», publicado no «Diário Popular» de 15 de Setembro de 1984.

Por último, o Prémio Literário «Município de Lisboa» (1984) foi atribuído, em prosa de ficção, a Vergílio Ferreira, pela sua obra «Para Sempre», em poesia a António Osório, com a obra «Adão, Eva e o Mais» e, em ensaio, a António Quadros pela sua obra «Poesia e Filosofia do Mito Sebastianista».



O Presidente da Câmara faz entrega ao Arq.º Tomás Taveira do Prémio Municipal de Arquitectura (1983)



O Presidente da Assembleia Municipal, Dr. Fernando Correia Afonso, faz entrega ao jornalista Eduardo Guerra Carneiro do Prémio Municipal Júlio César Machado (1984)



António Osório foi o escritor distinguido com o prémio literário «Município de Lisboa», em poesia

COOPERAÇÃO ENTRE A CML E A SOCIEDADE DE GEOGRAFIA

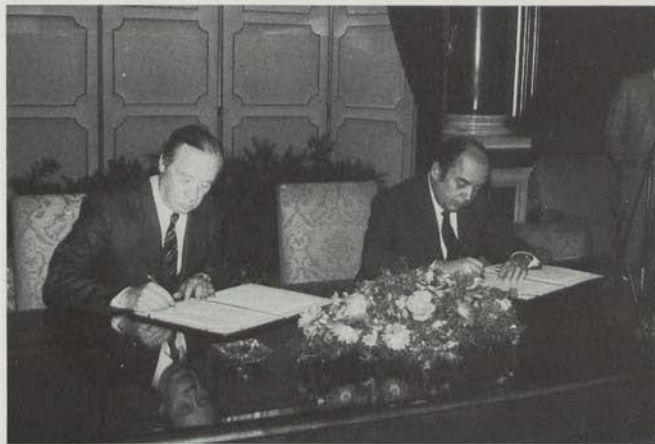
Um protocolo entre a Câmara Municipal e a Sociedade de Geografia com vista à cooperação cultural entre as duas instituições, foi assinado no dia 28 de Novembro, nos Paços do Concelho, com a presença do Eng. Nuno Abecasis e do Presidente da Sociedade de Geografia, Dr. Eduardo Serra Brandão.

Nos termos do acordo celebrado a Sociedade de Geografia organizará, a pedido do pelouro cultural da CML, visitas guiadas às suas instalações e museus em benefício dos alunos das escolas da cidade, conferências e outras actividades de índole cultural. Facultará, por outro lado, a consulta na sua biblioteca, a municipais credenciados pela Câmara, bem como o uso das salas da sua sede para conferências e exposições.

Como contrapartida e tendo em conta a valiosa actividade desenvolvida pela Sociedade de Geografia, a Câmara atribui a esta um subsídio anual de 500 mil escudos, valor actualizável em função do índice de inflação oficialmente fixado.



Fachada do Edifício onde se encontra instalada a Sociedade de Geografia na Rua das Portas de Santo Antão



Paços do Concelho – 28 de Novembro
Acto de assinatura do Protocolo entre a Sociedade de Geografia e a Câmara Municipal.
Na foto o Eng.º Nuno Abecasis e o Dr. Serra Brandão

COMEMORAÇÕES DO DIA 1.º DE DEZEMBRO

«Mais uma vez estamos junto do Monumento dos Restauradores para recordar um pedaço da nossa História, que nos orgulha porque nos devolveu a liberdade», afirmou o Eng. Nuno Abecasis no decurso das cerimónias do dia 1.º de Dezembro, Dia da Restauração Nacional.

Ao acto estiveram ainda presentes, entre outras individualidades, o Governador Militar de Lisboa, em representação do Presidente da República e representantes dos três ramos das Forças Armadas.

No decurso da cerimónia actuou o Coro Infantil da Casa Pia de Lisboa.

Praça dos Restauradores – 1 de Dezembro
O Presidente da Câmara no uso da palavra





Paços do Concelho - 2 de Dezembro

Aspecto da cerimónia de assinatura dos Protocolos de cooperação entre a Câmara de Lisboa e o Ministério da Educação.

Presentes ao acto o Eng.º Nuno Abecasis, o Ministro da Educação, Dr. João de Deus Pinheiro, e Vereadores da edilidade

COOPERAÇÃO ENTRE A CÂMARA E O MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO

Dois protocolos de cooperação entre a Câmara de Lisboa e o Ministério da Educação, com vista ao desenvolvimento desportivo no âmbito do «Desporto para todos» e às condições de cedência do edifício «Standard Eléctrica» foram

assinados no dia 2 de Dezembro, no Salão Nobre dos Paços do Concelho.

O Presidente da Câmara Eng. Nuno Abecasis e o Ministro da Educação, João de Deus Pinheiro, presidiram à cerimónia onde estiveram também presentes o Director Geral dos Desportos, Mirandela da Costa e os Vereadores Pedro Feist, Ana Sara Brito, Lívio Borges e Alberto Vila-Nova.

INAUGURAÇÃO DO ARQUIVO DA EXTINTA CÂMARA DE BELÉM

Na Biblioteca Municipal de Belém, foi inaugurada no dia 4 de Dezembro a Sala do Arquivo da extinta Câmara Municipal de Belém. Ao acto esteve presente o Vereador do Pelouro da Cultura da CML, Comandante Pinto Machado.

A Câmara de Belém foi criada em 1935 e dissolvida aquando da reorganização administrativa de 1885, constituindo-se em freguesia de Lisboa (St.ª Maria de Belém). Apesar da sua efémera existência, o acervo documental subjacente à actividade do concelho constitui um repositório indispensável para o estudo do municipalismo e da história da cidade de Lisboa.

Da documentação agora exposta, até aqui dispersa e misturada nos arquivos gerais da cidade, fazem parte livros de actas, editais, livros de requerimentos, contas correntes, registos de ofícios, correspondência, plantas, etc...

A criação do Arquivo de Belém, aberto ao público todos os dias úteis, permite

assim facilitar a busca dos elementos necessários ao conhecimento da organização e funcionamento daquela instituição e dos serviços prestados a um concelho essencialmente rural.



O Estandarte do Concelho de Belém é bordado a ouro e prata, com aplicações de veludo sobre fundo de seda. O escudo é francês, moderno, fendido, com destaque para a Torre de Belém e Vasco da Gama

Nos termos do 1.º protocolo celebrado, será apresentada dentro de um ano uma Carta Desportiva de Lisboa, cuja elaboração estará a cargo de um grupo de trabalho que terá em conta as possibilidades de utilização integrada das infra-estruturas disponíveis por forma a maximizar a sua utilização e assim delas retirar o máximo benefício social. Por outro lado, o Ministério da Educação facultará à CML o concurso de monitores e professores necessários ao ensino às populações da iniciação de uma correcta prática desportiva e ainda a frequência de cursos de formação de quadros.

A Câmara de Lisboa e o Ministério da Educação e Cultura assinaram ainda um outro protocolo de acordo para a recuperação do edifício «Standard Eléctrica». Nos termos deste protocolo, a CML cede ao Ministério da Educação o direito de utilização do edifício, por um período de três anos, destinado à instalação temporária da Escola Secundária Rainha Dona Amélia. Como compensação, o Ministério entregará anualmente à Câmara uma importância igual à que se venha a apurar necessário dispender em subsídio à deslocação de alunos que residam fora da área da escola.

O edifício da «Standard», terminado o prazo de cedência ao Ministério, destinar-se-á à instalação de um centro cultural polivalente, englobando áreas museológicas, didácticas e espaços de trabalho, aliás razão que determinou a sua aquisição pela Câmara de Lisboa.

Biblioteca Municipal de Belém
- 4 de Dezembro

Na foto o Vereador do Pelouro da Cultura, Comandante Pinto Machado, e o Presidente da Junta de Freguesia de Belém, Nuno Bonneville





I CAMPEONATO DE LISBOA DE LARANJINHA

Realizou-se no dia 5 de Dezembro, num restaurante de Lisboa, a cerimónia da entrega de prémios do I Campeonato de Lisboa de Laranjinha, jogo popular de grandes tradições nas colectividades de bairro lisboetas, este ano recuperado por iniciativa da Câmara Municipal de Lisboa.

Ao acto estiveram presentes o Eng. Nuno Abecasis e cerca de uma centena de pessoas de algum modo ligadas ao renascer do jogo, entre as quais representantes das colectividades intervenientes.

Jogo muito antigo, o jogo da laranjinha foi palaciano e aristocrático antes de se converter em desporto de características populares, interessantíssimo como exercício físico completo e escola de destreza. Nos anos quarenta chegou a ser praticado em cerca de duzentas salas, na sua maioria colectividades de cultura e recreio de cariz republicano e liberal.

A realização deste Campeonato foi possível graças à pronta adesão e empenho de muitas colectividades a quem a Câmara forneceu todo o equipamento e apoios necessários.

O jogo da laranjinha parece assim ter de novo assegurado o seu lugar, contribuindo desta forma para a preservação das mais ricas tradições das colectividades populares da cidade.

Aspecto da cerimónia de entrega dos prémios do 1.º Campeonato de Lisboa de Laranjinha. No uso da palavra o Presidente da Câmara, Eng.º Nuno Abecasis

**LANÇAMENTO DO LIVRO
«EMPEDRADOS ARTÍSTICOS
DE LISBOA»**

Realizou-se no dia 10 de Dezembro, no Castelo de S. Jorge, a cerimónia de lançamento do livro «Empedrados Artísticos de Lisboa», da autoria do Arqt.º Eduardo Martins Bairrada, Director do Gabinete de Estudos Olissiponenses.

Esta obra, um talentoso inventário sobre variados e inúmeros trabalhos artísticos das ruas de Lisboa, retrata ao longo de centenas de páginas (quatro quilos de peso), a tradicional arte tão lisboeta de embelezar os passeios da cidade.

Presente à cerimónia, o Eng. Nuno Abecasis salientou a importância da profissão de calceteiro e as medidas já tomadas pelo Município, como a entrada em funcionamento da Escola de Calceteiros, no sentido da reactivação de uma arte que importa preservar e incentivar.



Castelo de S. Jorge – 10 de Dezembro
O Arqt.º Eduardo Martins Bairrada faz entrega
ao Presidente da Câmara de um exemplar do livro
«Empedrados Artísticos de Lisboa»

Presentes à cerimónia
calceteiros ao serviço do Município,
afinal os artistas da tradicional arte
de embelezar os passeios da cidade





Nuno Krus Abecasis,
Presidente da Câmara reeleito,
cumprimenta o Presidente da Assembleia de voto
da Freguesia de Alvalade

ELEIÇÕES AUTÁRQUICAS

Realizaram-se no dia 15 de Dezembro as eleições autárquicas para o quadriénio de 1986-1989. O quadro de resultados foi o seguinte:

Eleitores inscritos	— 674 165
Votantes	— 396 356
Votos brancos	— 5 241
Votos nulos	— 4 555
UDP	— 5 798
PS	— 71 277
PPM	— 20 176
PPD/PSD	— 177 497
APU	— 108 998
POUS	— 1 138
PCTP/MRPP	— 1 676

A distribuição de mandatos, conforme os resultados expressos, foi a seguinte: PSD — 8; APU — 5; PS — 3 e PPM — 1.

Por seu turno, para a Assembleia Municipal, o CDS obteve 24 mandatos, a APU — 17; o PS — 12 e o PPM 1 mandato.

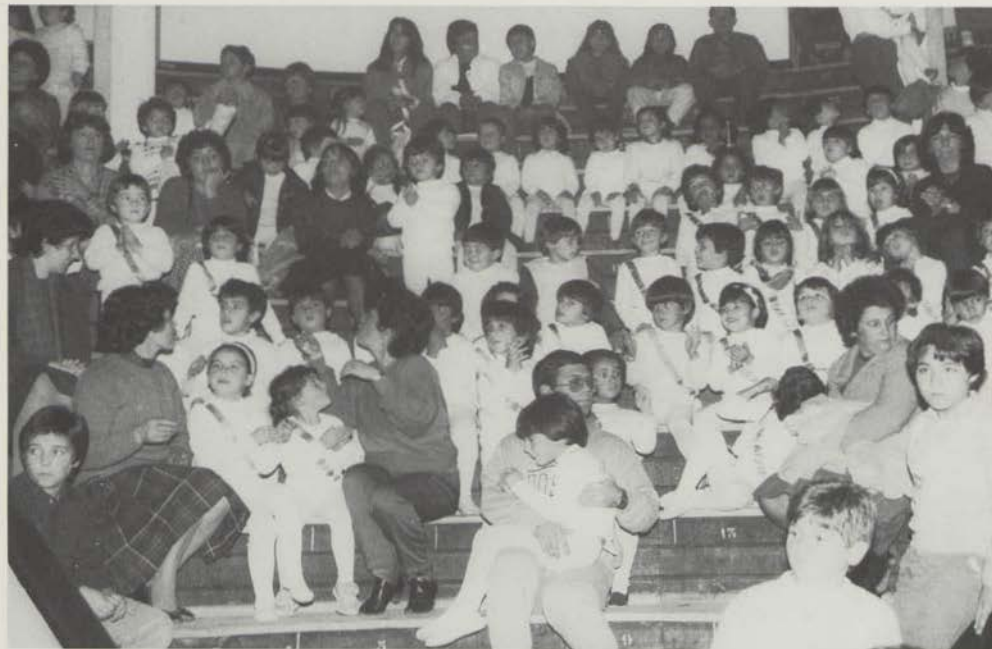
Carlos Carvalhas,
candidato pela Aliança Povo Unido
à Presidência da Câmara,
votou na Freguesia
de S. Domingos de Benfica



Helena Torres Marques,
candidata à Presidência da Câmara
pelo Partido Socialista

Gonçalo Ribeiro Teles,
candidato pelo
Partido Popular Monárquico,
numa Assembleia de voto
na Freguesia de S. José





Pavilhão Carlos Lopes - 18 de Dezembro
Foi em ambiente de festa que 5000 crianças filhas de trabalhadores da Câmara comemoraram o seu Natal
Na foto, a classe de ginástica composta por cerca de 40 crianças

O Eng.º Nuno Abecasis
e os Vereadores Ana Sara Brito e Pombo Cardoso
também participaram na festa



FESTA DE NATAL DOS FILHOS DOS TRABALHADORES DA CML

Cerca de cinco mil crianças, com idades compreendidas entre os 2 e os 12 anos, filhas dos trabalhadores da Câmara, tiveram a sua festa de Natal nos dias 18 e 19 de Dezembro, no Pavilhão Carlos Lopes.

Durante a festa actuaram o Coro do Jardim Infantil da CML, constituído por 70 crianças dos 3 aos 5 anos, a classe de ginástica com exibição de 40 crianças e diversos artistas convidados, para além de um número especial de palhaços.

CÂMARA CRIA ESCOLAS DE JARDINAGEM E CALCETEIROS

A CML no âmbito do programa de comparticipação financeira a projectos municipais pelo Fundo Social Europeu, vai pôr em funcionamento Escolas de Jardinagem e de Calceteiros para, a partir de 1986, proporcionar, anualmente, formação adequada a mais de centena e meia de jovens desempregados, com idades entre os 18 e os 25 anos.

O custo financeiro do lançamento activo destas duas escolas está estimado em cerca de 116 000 contos, esperando-se que o Fundo Social Europeu participe com 55%, cabendo o restante à Câmara Municipal. Na verba mencionada estão incluídas, entre outras, as despesas a suportar com as remunerações dos participantes.

Sediada no Viveiro Municipal da Vila Correia, a Belém, a Escola de Jardinagem fornecerá formação profissional já no próximo ano, a 144 jovens distribuí-

dos por grupos de 12, orientados por monitores. A formação essencialmente prática, a tempo inteiro, prolongar-se-á por 50 semanas, com uma carga horária de 50 horas semanais. No final os formados poderão obter um certificado de habilitação que lhes permitirá o acesso à carreira de jardineiros nas autarquias locais e em entidades privadas.

Esta acção de formação reveste-se de grande significado em perspectivas de emprego, até porque estes «futuros jardineiros» serão os primeiros profissionais habilitados com «Curso de Formação Profissional de Jardinagem».

No Município de Lisboa a carreira de jardineiros do quadro de pessoal tem, presentemente, cerca de 160 vagas, notando-se ainda a carência de mais 200 unidades em virtude do aumento constante de zonas ajardinadas.

A Escola de Calceteiros funcionará nas instalações da Casa Pia – Secção da Madre de Deus e dará, anualmente, a formação adequada a 24 jovens do sexo masculino.

Paralelamente aos dois projectos de formação acima mencionados, a CML com a cooperação do Instituto de Emprego e Formação Profissional, também em 1986, vai proporcionar estágios remunerados, durante um ano, a 46 re-

Instalações da futura Escola de Jardinagem, é sedida no Viveiro Municipal da Vila Correia, em Belém



cém-licenciados em diversas áreas, visando a sua introdução no mercado do trabalho, já habilitados com experiência prática. Esta acção está orçada em mais de 4000 contos.

Por outro lado, a CML, no prosseguimento das suas iniciativas de preparação de profissionais para o mundo do trabalho e de colaboração com o Centro Regional de Aprendizagem e Instituto de Emprego e Formação Profissional, vai receber durante 3 anos nas suas oficinas, para formação prática no sector da metalomecânica, 16 jovens aprendizes entre os 14 e os 25 anos. Esta aprendizagem, também remunerada, tem como objectivo principal proporcionar formação profissional ao jovem saído da escola, dando-lhe assim melhores perspectivas de emprego.

Nos termos da portaria n.º 228/85, de 23 de Abril, os aprendizes que obtiverem aprovação no exame de aptidão profissional receberão um certificado que releva para efeitos de emissão de carteira profissional e dará equivalência ao 9.º ano do curso unificado do ensino secundário.

A Escola de Calçateiros irá permitir a preservação de uma arte tradicionalmente lisboeta



